

5. Seguindo a trilha da Caravana JN

Após conhecer o objeto e avaliar qual o método a ser empregado para atingir nossos objetivos, partimos para a ação na pesquisa de campo, aplicando o senso de responsabilidade e a concentração, com o maior rigor possível e com vistas à produção segura do conhecimento desejado.

Utilizando o método da pesquisa de campo, visitamos três das 52 cidades por onde passou a Caravana JN em 2006. As entrevistas feitas com moradores, representantes do poder público e de associações comunitárias dão um panorama de como essa experiência foi decodificada pelos grupos estudados.

Como se fosse uma célula do mais importante telejornal do país, equipada com tecnologia de ponta e tripulada por profissionais respeitados no telejornalismo brasileiro, a Caravana JN era uma unidade móvel que corria solta pelo país, independente da rede de emissoras afiliadas à TV Globo ou de uma redação fixa. Durante dois meses, a Caravana JN percorreu o Brasil de ponta a ponta, registrando imagens, conversando com as populações locais e levantando questões trazidas pelos próprios moradores.

A cada noite, uma parte do Brasil era revelada ao grande público, em reportagens assistidas como capítulos de um programa maior. Foram 62 dias de viagem a bordo de um ônibus e de um barco totalmente adaptados, nos quais o convívio de quinze pessoas se revelou num forte espírito de equipe.

Para enxergar o que as câmeras da Caravana JN haviam flagrado, um ano depois da realização do projeto, foi preciso voltar ao interior do Brasil. Afinal, o que se levou ao conhecimento dos telespectadores foram lugares, fatos e pessoas que residiam longe dos grandes centros urbanos. O roteiro escolhido pela equipe cortava o país, prioritariamente, por estradas e regiões afastadas das metrópoles. No próximo item conheceremos as razões apontadas pela equipe para essa escolha, assim como para a direção sul-norte.

O trajeto amedrontaria, de pronto, os menos dispostos ao sacrifício de passar muitas horas seguidas dentro de um veículo. Atravessar um país do tamanho do Brasil, onde os tipos de clima, hidrografia e cobertura vegetal variam à medida que se avança pelo território, é tarefa para profissionais cientes da grandeza do projeto.

Considerando que as apresentações ao vivo da Caravana JN aconteciam em lugares que representavam as regiões brasileiras, escolhemos duas delas para análise: Sul e Sudeste. Uma razão seria o fato de que, partindo do começo, a tarefa pudesse ser mais simples. Outro fator relevante é que a cidade de São Miguel das Missões abriga um Patrimônio Cultural da Humanidade, razão suficientemente forte para a escolha. Mas talvez tenha sido nossa grande estima pelo Rio Grande do Sul, terra natal dessa pesquisadora, o que contribuiu mais decisivamente para a definição do itinerário da viagem de estudos. Acreditamos que viver a cultura rio-grandense em sua essência, naturalmente, nos permite, com toda a modéstia indispensável e sem perder a independência obrigatória à análise, impor um rigor ainda mais intenso ao estudo, baseado em critérios claros de observação e riqueza de detalhes, provenientes do apuro regional.

Na busca pelos entrevistados do Jornal Nacional, viajamos aos municípios de São Miguel das Missões e Santo Ângelo, no noroeste do Rio Grande do Sul, onde tivemos contato com representantes das populações locais e moradores de cidades vizinhas. A segunda etapa do trabalho foi realizada na cidade que, dentro da perspectiva da Caravana JN, simbolizou a região Sudeste do país. Coincidentemente ou não, Ouro Preto também conserva um Patrimônio Cultural da Humanidade. Numa última inferência em relação à escolha do itinerário da viagem, poderíamos afirmar que nos atraíram os aspectos históricos encontrados nas duas cidades.

Dentro da teoria do jornalismo, o tipo de fonte utilizada para essa pesquisa é a testemunhal. Como o próprio nome diz, ela tem relação direta com o fato, já que é sua testemunha. Mas é preciso lembrar que seu relato sempre estará mediado pela emoção, pelos preconceitos, pela memória e pela própria linguagem. Afinal, testemunha é apenas a perspectiva de um fato, jamais sua exata e fiel representação (Pena, 2005, p. 64).

Considerando que existem pessoas desinteressadas e dispostas a oferecer informações corretas sem pensar em vantagens, ainda assim é preciso ficar atento aos efeitos da proximidade do profissional mediador. No caso do jornalista, ele também pode interferir fundamentalmente na mensagem relatada. Felipe Pena mostra que, diferentemente do que acontece numa conversa informal, quando o pesquisador informa que é jornalista e que vai publicar as declarações, ocorrem

mudanças substanciais na postura, no tom do interlocutor, podendo até mesmo o próprio relato ser alterado. “O resultado de uma conversa com uma fonte depende essencialmente do que ela imagina sobre você e sobre suas intenções” (Pena, 2005, p. 58).

Assim sendo, optamos por nos apresentar aos nossos entrevistados meramente como estudantes de mestrado em comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nossos relatos de viagem e observações pessoais, juntamente com a repercussão já conhecida sobre a Caravana JN, obtidos durante a fase de coleta de dados para esta pesquisa, além das entrevistas realizadas nas três cidades e o arcabouço teórico empregado até aqui, servirão de base para a argumentação, a que passamos a seguir.

5.1. Na terra missioneira

Para refazermos parte da rota da Caravana JN, obviamente que de forma mais modesta, voltamos até o ponto de partida da viagem: o município de São Miguel das Missões, no noroeste do Rio Grande do Sul, onde vivem 7 mil pessoas.

Da capital Porto Alegre até a Rota das Missões são 470 quilômetros cruzando uma região cheia de história e de peculiaridades. Foi da terra avermelhada da região missioneira que partiu a equipe da Caravana JN, cortando uma parte do território gaúcho que guarda os últimos vestígios daquilo que foram as reduções jesuítico-guaranis, também conhecidas como “Os Sete Povos das Missões”.

Quatro delas estão protegidas em sítios arqueológicos, cuja visita possibilita uma viagem no tempo. Nossa pesquisa de campo começa em novembro de 2007, no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura) desde 1983.

Erguida em arenito vermelho, ao centro do gramado verdejante, a ruína da antiga Igreja impressiona ao primeiro olhar. Da construção, restam somente a fachada, uma torre e parte das paredes da nave-central. Apesar do vazio, o ambiente é tomado por uma atmosfera densa. Não são raras histórias de visitantes

que relatam terem tido experiências sensoriais únicas no lugar, como ouvir as almas dos índios e dos padres, no meio das frinchas das pedras.

O terreno das Missões sempre foi um campo propício para o debate, ao mesmo tempo em que suscita os imaginários popular, religioso, místico e artístico. Os restos do antigo projeto arquitetônico dos jesuítas são suficientes para constatar que nós tínhamos, diante dos olhos, importantes registros da presença do Cristianismo naquelas terras. Resistente ao tempo e as intempéries, a ruína é testemunha do que se passou ali em três séculos de história.

Para compreender melhor o lugar onde pisávamos, fomos atrás de informações junto às autoridades de turismo locais. Assim, estivemos na Secretaria de Turismo de São Miguel das Missões e pesquisamos em material produzido pelo Ministério do Turismo, um dos apoiadores da Rota Missões, projeto de divulgação de cidades cuja importância histórica e arqueológica se destaca na região missioneira.²⁶

Segundo tais fontes, as Missões Jesuíticas se configuraram num dos mais importantes projetos de vida em sociedade do Brasil, durante o século XVIII (1756). Depois de atravessarem o Atlântico e prestando contas à Coroa Espanhola, os padres jesuítas se instalaram no sul da América do Sul, onde conviveram com os índios Guaraní dentro dos princípios da fé cristã. A chamada Província Jesuítica se estendia também por terras hoje pertencentes à Argentina, ao Uruguai e ao Paraguai. Ela chegou a reunir 100 mil indígenas, 6 mil apenas em São Miguel. Durante 160 anos, promoveu um modelo de organização baseado no compromisso de aperfeiçoamento e coletividade. A passagem do território para Portugal, em 1750, desencadeou a Guerra Guaranítica e a posterior expulsão dos jesuítas, o que levou ao extermínio do projeto.²⁷

Foi cerca de 30 quilômetros das ruínas de São Miguel Arcanjo, que nós encontramos alguns herdeiros dessa história. Chegamos à aldeia indígena M'byá-Guarani num sábado de sol e céu azul, conforme mostram as fotos constantes dos anexos desse trabalho.²⁸ O cacique Floriano foi um dos entrevistados da primeira

²⁶ Para saber mais consultar [http:// www.rotamissoes.com.br](http://www.rotamissoes.com.br)

²⁷ Com base em texto retirado de material de divulgação do Ministério do Turismo sobre a Rota das Missões, intitulado 'Um Pedacinho do céu na Terra'. Mais informações acessar www.rotamissoes.com.br

²⁸ Ver fotos anexo 5.

reportagem da série da Caravana JN. Ele nos recebe com cordialidade na tribo onde vivem 200 índios. O local é ermo. As 18 casas de pau-a-pique cobertas por palha se posicionam a curta distância, no meio de um descampado. O entorno é ocupado por pequena criação de animais e plantio de culturas de subsistência, como milho e mandioca. Ao todo, a reserva indígena tem 200 hectares de mata nativa.

Aos ouvidos dos visitantes, algumas palavras que eram ditas pelos índios soavam desconhecidas. Lá, mulheres e crianças falam a língua guarani. O grupo se ocupa com o artesanato e uma pequena roça. Logo ao primeiro contato fica evidente que a comunidade busca cultivar hábitos e tradições, apesar de sofrer uma influência cada vez mais forte da cultura não indígena.

Arriscaríamos dizer que, sob alguns aspectos, a troca aconteceu em mão dupla. Foi dos M'byá-Guarani, por exemplo, que o povo gaúcho herdou um hábito que se tornaria símbolo da terra do Rio Grande do Sul: o costume de tomar o chimarrão, bebida típica indígena. Historicamente, os índios demonstravam uma grande inclinação para a música e seus corais esbanjavam afinção. Eles também teriam deixado como legado à sociedade hegemônica a herança de terem sido exímios artesãos. Isso, aliás, fica evidente quando se visita o museu de São Miguel Arcanjo. Lá estão expostas imagens de santos esculpidos em madeira, os primeiros sinos utilizados na Igreja, anjos, querubins, meninos, elementos decorativos que foram confeccionados pelos Guarani nos séculos XVII e XVIII. Ainda hoje alguns índios vendem parte do artesanato que produzem no entorno do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, embora a maioria permaneça vivendo no campo.

Na aldeia, uma antena parabólica fincada no meio do descampado prova que a tribo vem agregando elementos da sociedade moderna. Na época de nossa visita, no dia 4 de novembro de 2007, a rede de luz tinha sido instalada havia um ano e a TV era privilégio da cabana ocupada pelo cacique. Podemos afirmar que a TV é porta de ligação entre a tribo dos M'byá- Guarani e o resto do mundo. É através dos sinais de TV que chegam as notícias sobre o que se passa no resto do planeta e também as novas culturas, que acabam se misturando à tradição indígena.

Numa referência ao trabalho de Dominique Wolton, em *Elogio ao grande público*, em que o autor reflete sobre o milagre da imagem, pode-se dizer que a televisão abriu uma janela para o mundo além da tribo.

Não só o espetáculo da imagem seduzia imediatamente, como também a janela para o mundo proporcionada pela informação, pelos documentários, filmes e espetáculos estrangeiros fizeram da televisão um dos meios instrumentais da emancipação cultural (Wolton, 2006, p. 5).

Ciro Marcondes Filho é outro autor que analisa o poder de comunicação da televisão. “É óbvio que o aparelho de televisão não é por si só fascinante. Fascinante é o mundo do lado de lá que ele nos permite ver, o canal (no sentido técnico – o túnel) que dá passagem a outro lugar, ao mundo, aos sonhos, às nossas fantasias” (Marcondes Filho, 1988, p. 37).

Ortiz aplica os conceitos de Edward Shils para mostrar que a sociedade de massa traz a população de “fora” para “dentro” da sociedade. “O centro da sociedade – as instituições centrais e os valores centrais que guiam e legitimam essas instituições – estende suas fronteiras” (Ortiz, 2001, p. 49).

No caso dos índios M’byá-Guarani, eles querem saber o que existe além das fronteiras da tribo. Até o dia em que a TV foi instalada na aldeia, o cacique só assistia ao Jornal Nacional quando ia para a cidade. E antes da TV, as notícias chegavam somente pelo rádio ou por telefone. Floriano explica como as culturas hegemônica e indígena se mesclam atualmente na comunidade. “Alguns já falam português, ainda que com muitos erros e a escrita também já não é algo totalmente estranho como foi um dia aos povos selvagens”, diz com dificuldade de expressão.

Floriano afirma ter se reconhecido na reportagem exibida pela televisão. O cacique aprovou a maneira como o próprio povo foi retratado e não esconde o orgulho de ver a vida na tribo sendo revelada pela Caravana JN. “Obrigatoriamente tem que fazer isso aí, né? Tem que mostrar para conhecer onde há guaranis, quais os tipos das tribos guaranis que existem, já que cada um tem suas tradições”.

O cacique reconhece que a televisão é uma realidade e que a interação é inevitável.

Hoje o índio tem que conhecer um pouco da cultura do branco, não dá pra ficar só na aldeia. Trabalhamos em intercâmbio e a interação é inevitável. O índio e o homem branco já estão mais juntos. O branco quer saber alguma sabedoria do índio e se não contamos nada, não contribuimos. Foi legal o jornalista ter vindo aqui perguntar.

Caso o leitor tenha se surpreendido com a presença de uma televisão em uma tribo indígena, vejamos o que diz Ciro Marcondes Filho, em *Televisão – a vida pelo vídeo* (1988).

Hoje não há mais a possibilidade de fugir à cultura industrializada. Caiçaras, indígenas, populações afastadas e guetos culturais já estão, de uma forma ou de outra, dentro da sociedade da televisão, do rádio, da comunicação impressa em massa. Este fato já alterou tanto suas vidas que não mais existem situações ‘virgens’, imunes à penetração da comunicação. Isso também se reflete na criação cultural dessas comunidades, pois passam a produzir artefatos para o consumo em massa e para a indústria do turismo, e não porque sua própria cultura o tivesse exigido (Marcondes Filho, 1988, p. 32).

O cacique da tribo Guarani considera a TV na aldeia uma grande aliada, pelo fato de que as crianças, agora, aprendem um pouco de tudo. Mas ele também se preocupa que a informação vinda de fora possa transformar modos tradicionais. Floriano está atento ao fato de que os mais jovens da tribo tendem a copiar o comportamento e o pensamento do dito “homem branco”. Diante da “janela” aberta pela TV, o líder dos Guarani chama a responsabilidade dos pais em orientar o que serve e o que não serve para a vida na comunidade indígena. “É preciso que cada um tenha sabedoria e memória para preservar a cultura Guarani, é preciso orientar as nossas crianças”.

Para intensificar o resgate de emoções e aguçar a memória dos entrevistados, nessa caça por lembranças e impressões, reexibimos em DVD uma parte da edição do Jornal Nacional da segunda-feira, dia 31 de julho de 2006, o primeiro dia da Caravana JN. Passemos, então, à descrição literal do que foi ao ar naquela noite.

William Bonner fez a apresentação ao vivo, direto do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo e, em seguida, exibiu-se uma reportagem que tinha sido produzida previamente pela equipe na região. Abaixo, segue a transcrição do que foi ao ar.

William Bonner (ao vivo):

Boa noite Fátima, boa noite a todos. Eu estou, nós estamos, nossa equipe imensa está na cidade de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, bem na frente das ruínas da Igreja de São Miguel, que foi construída no século XVIII. É aqui o ponto de partida da Caravana do Jornal Nacional, que vai percorrer todas as regiões brasileiras até o fim de setembro, às vésperas da eleição. Até lá, a cada duas semanas, ou você Fátima ou eu, um de nós vai apresentar o Jornal Nacional ao vivo de uma cidade que simbolize a região visitada. Esse projeto vai mostrar também todas as noites os anseios, os desejos dos cidadãos brasileiros, como os que nos receberam tão bem, tão carinhosamente aqui na Região das Missões, que vieram assistir ao Jornal Nacional nessa noite gelada e que estão acolhendo, calorosamente, logo ali também o Pedro Bial. Boa noite Pedro.

Pedro Bial (ao vivo):

Boa noite William, sem dúvida a escolha de São Miguel das Missões se deveu à posição geográfica, já que, partindo do sul, nós temos mais chances de encontrar o norte de nossa missão. Além do que, aqui, há três séculos, há mais de três séculos, realizou-se uma das mais ousadas experiências sociais da história. As missões jesuítas, que foram algo muito além de um projeto de catequese. O território missionário chegou a se espalhar por partes do que é hoje o Paraguai, Uruguai, Argentina, Paraná, Santa Catarina e é claro o Rio Grande do Sul, a terra gaúcha.

Entra no ar a reportagem gravada, produzida pela equipe de Pedro Bial, e cujo texto transcreveremos abaixo.

Bial (em off²⁹): “Aqui, em se escavando, todo o passado ressurge”.

(Sonora³⁰ entrevistada/voz da arqueóloga): “Principalmente aqui, no município de Santo Ângelo que é sabido que a cidade moderna foi construída em cima das ruínas da redução de Santo Ângelo Custódio, que é conhecido como o sétimo povoado missionário”.

(Bial/off):

Os arqueólogos trabalham na terra da Catedral local, cuja fachada é uma homenagem à Igreja da mais preservada e famosa redução missionária, a de São Miguel. Essas ruínas são a marca mais evidente de um grandioso projeto jesuíta, de mais de trezentos anos atrás. A instalação de uma república igualitária, que assim como o comunismo tinha caráter totalitário. As cidades, altamente organizadas, eram conhecidas como reduções, pois os índios eram de fato reduzidos ao poder dos jesuítas. Só a população dessa redução era de seis mil pessoas.

²⁹ Off – Off the record. Em televisão designa a notícia coberta com imagens e sem a presença no vídeo do apresentador ou repórter (Maciel, 1995, p.111).

³⁰ Sonora – termo usado nas redações de jornalismo para indicar a entrevista de reportagem, a fala do entrevistado (Maciel, 1995, p. 113).

(Bial/passagem³¹):

Era o que se chama uma teocracia, o governo de Deus. O todo-poderoso governava através de seus ministros, mais ou menos como os aiatolás do Irã contemporâneo. Os padres jesuítas mandavam e os índios Guarani obedeciam. Espremidos entre dois impérios em expansão, o espanhol e o português, os jesuítas foram expulsos e os Guarani, dizimados.

(Bial/off): “Hoje, cerca de duzentos índios vivem de um passado que mal conhecem”.

(Sonora índio jovem): “Eu não sei a história”.

(Bial/off): “Além da língua, que ainda preservam (sobe som palavras em Guarani)³², a utopia Guarani deixou uma marca cultural que forjou o Rio Grande do Sul, a criação de gado”.

(Sonora/produtor rural): “Tem produção de leite, mandioca, o milho, o feijão, tem produção de gado também”.

(Bial/off): “O professor da escola local, o senhor Alfonso Ten Caten, sabe que hoje, mesmo um lavrador, não sobrevive sem um insumo básico”.

(Sonora/Alfonso Ten Caten): “O acesso à educação”.

(Bial/off): “Para que nossa nação em construção não se perca no passado, como a república Guarani, nem viva condenada a ser o país do futuro, Brasil, que presente deseja o brasileiro?”

(Sonora/cacique Floriano): “Continuar manter a cultura, né?”

(Sonora/produtor rural): “Ser um país com mais justiça, com mais igualdade social, né?”

(Sonora Alfonso Ten Caten): “O Brasil teria que investir pesado em educação”.

A reportagem termina com a música do coral infantil Guarani.

Ao analisarmos as reportagens produzidas pela Caravana JN em diferentes localidades, abordando a mecânica do projeto e o material que foi gravado e

³¹ Passagem – a gravação feita pelo repórter no local do acontecimento e que identifica uma das partes da reportagem (Maciel, 1995, p. 11).

³² Sobe sons, numa reportagem, são momentos de espaçamento da edição com áudio original ou sonorizado.

editado pela equipe em viagem, identificamos uma oportunidade para observar e estudar o texto feito para o telejornalismo de rede brasileiro, utilizando como exemplo um caso específico. As reportagens feitas por Pedro Bial e por sua equipe podem servir de exemplos para um exame a esse respeito.

O Código de Ética do Jornalista, em seu artigo 17, determina um padrão a ser seguido. “O jornalista deve preservar a língua e a cultura nacionais” (Pena, 2005, p. 122).

Embora a imagem seja amplamente valorizada no telejornalismo, é o texto que vai dar o primeiro significado da informação. [...] E como o telespectador não pode voltar a fita, os manuais de redação pregam a simplicidade e a objetividade como norma número um. É ela que vai possibilitar a discussão dos fatos por um maior número de pessoas e influenciar a sociabilidade (Felipe Pena, 2005, p. 83-84).

Nelson Traquina estudar “a tribo jornalística”, a quem chama de comunidade interpretativa transnacional e aborda a produção jornalística, em *Teorias do jornalismo – volume II*:

Uma das características principais desta fala, desta escrita, é a sua qualidade de ser compreensível. Os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade. Para atingir este público heterogêneo, a linguagem jornalística deve possuir certos traços que vão no sentido de ser compreensível: frases curtas, parágrafos curtos, palavras simples (evitar palavras polissilábicas, uma sintaxe direta e econômica, concisão e a utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto (Traquina, 2005, p. 46).

No caso estudado, Bial usa dois exemplos metafóricos para incrementar a compreensão do texto. O jornalista refere-se a um sistema político para traduzir o caráter e o funcionamento da república formada por padres e índios no sul do Brasil. Depois, ele recorre à hierarquia dos aiatolás do Irã para descrever o regime religioso nessa comunidade. Duas comparações que ajudam o telespectador a compreender o assunto.

Dezesseis meses após a produção e exibição da reportagem da Caravana JN na região das Missões, ela foi rerepresentada aos índios M'Byá-Guarani, na visita que fizemos à tribo. A reportagem da Caravana JN foi acompanhada por

adultos, mulheres e crianças, na tela do computador portátil, numa espécie de sessão improvisada dentro de uma das casas de pau-a-pique.³³

Apesar de parte da tribo não dominar a língua portuguesa, o que poderia dificultar o entendimento completo da mensagem, chamou-nos atenção o fato de que os índios, especialmente as mulheres e as crianças, sorriram ao se reconhecerem na tela, numa demonstração de que a comunicação pela TV ultrapassa as barreiras da língua. “Nós mesmos estávamos aparecendo ali na TV. Bah! Foi fantástico, porque estava tudo brilhando, nosso povo em foco, nossa história. Divulgar nossa cultura é muito importante”, afirma o cacique.

Um ano depois da passagem da Caravana JN por São Miguel das Missões, os índios M'byá-Guarani ainda se lembram com entusiasmo da reportagem e do encontro com os jornalistas da TV Globo, que, naquela ocasião, representavam o próprio espetáculo da televisão, em plenas ruínas de São Miguel. Dentro de uma lógica comercial de que notícias são produtos à venda na vitrine do capitalismo industrial, a televisão deve oferecer, obrigatoriamente, entretenimento e espetáculo. Veja o que diz a jornalista Olga Curado sobre a natureza do noticiário televisivo: “ele tem que ser um show, um circo, não no sentido pejorativo, mas no sentido de que todos nós somos personagens do circo humano”.³⁴

“A TV ajudou a divulgar nossa cultura, há aí um ponto positivo”, avalia o cacique ao rever a imagem que mostrou para todo o Brasil a reconhecida afinação do coral infantil indígena. “Foi bom porque a Caravana JN fez nossa cultura correr o mundo”, ao mesmo tempo em que trouxe para a tribo informações sobre o resto do país. “Eles fizeram o trabalho deles de mostrar não apenas a nossa cultura, mas de mostrar as culturas do Brasil, a do homem branco também, as diferenças. Cada um tem que mostrar a própria cultura”. Quanto ao conteúdo da reportagem exibida, o cacique se diz satisfeito com o que viu. “É a história mesmo, nossa história como aconteceu”.

Nossa segunda fonte para essa pesquisa, o leitor conheceu como o professor da escola local entrevistado na reportagem da Caravana JN. Vejamos o

³³ Ver fotos anexo 5. As fotos foram tiradas no dia de nossa visita à tribo M'Byá Guarani. Mostram a sessão improvisada feita dentro de uma cabana.

³⁴ Curado, Olga. Em *A notícia de ponta a ponta – As perspectivas da televisão brasileira ao vivo*, Ed Imago, 1995, p. 42.

que Alfonso Ten Caten diz sobre a maneira como foram abordados aspectos políticos e ideológicos relacionados à experiência missioneira.

O que o (Pedro) Bial falou, não é o que nós gostaríamos que fosse divulgado de São Miguel. Ele fala numa sociedade fracassada e a gente sabe que não foi uma sociedade fracassada. A redução jesuíta foi um espetáculo grandioso, que o pessoal da Europa, vinha copiar o modelo de organização. [...] Ele (Bial) fala também numa teocracia, em que o jesuíta teria poder. É muito difícil você dizer que dois padres vão dominar seis mil índios, já que em cada redução (missão) havia apenas dois padres. Do jeito que foi dito parece que eles foram escravos para construir uma igreja tão linda. Enquanto na realidade todos os 30 povos queriam realmente estar ali. Tinham comida de sobra, eles tinham escolas, música, praticamente o dia todo.

Alfonso Ten Caten vive num assentamento de colonos do Movimento Sem Terra, localizado a 30 quilômetros do centro da cidade. Se na época da Caravana JN ele lecionava numa escola rural, hoje ocupa o cargo de Secretário Municipal de Turismo de São Miguel das Missões. Um ano depois da promoção, ele acredita, em parte, a conquista do atual cargo público à exposição que teve na TV, defendendo o tema da educação, da reportagem do Jornal Nacional. A Caravana JN cruzou o caminho do professor Alfonso Ten Caten por acaso.

A gente sabia pela imprensa que a Caravana estaria chegando a São Miguel, mas a gente nunca imaginou quando estávamos numa festa do colono Motorista, lá no interior e, nós na fila do churrasco, ao meio dia, de repente chega a mãe da rainha da festa nos pegando pelo braço. ‘Corre, corre que o (Pedro) Bial está aqui!’ Era uma coisa meio escondida, com medo de todo o povo saber e vir também. Não era nada programado, foi sem querer, só por eu ser vizinho da rainha, porque eles chegaram para entrevistar a rainha da festa, que é da minha comunidade e eu fui professor dela e me cataram junto. O Bial perguntou como eu vivia, como eu me via, quais as soluções para o Brasil. O objetivo deles era conhecer a região, participar da festa não tava programado.

A passagem da Caravana JN gerou assunto na cidade, foi “pauta” de conversa nas ruas, para usarmos um jargão jornalístico. O vice-prefeito de São Miguel das Missões também opinou sobre a reportagem feita pela equipe do JN na região missioneira. Engenheiro, ex-diretor de desenvolvimento de turismo do Estado do Rio Grande do Sul, José Roberto de Oliveira viu ineditismo e firmeza no conteúdo da reportagem exibida pelo Jornal Nacional, sobre as Missões Jesuítas.

Quando ele (Pedro Bial) diz que as missões foram uma das mais ousadas experiências sociais que o mundo viveu, há uma valorização de aspectos de que até agora a imprensa fugia, integrando e unindo a palavra comunismo com as missões. A experiência missioneira, a partir da expulsão dos jesuítas, que foram para a Europa e escreveram sobre isso, foi incorporada aos trabalhos de pensadores como Paul Lafargue e Karl Kautski; precursores do marxismo e do socialismo, e que, se basearam no modelo missioneiro para desenvolver suas teorias acadêmicas.³⁵

José Roberto de Oliveira vem dedicando os últimos anos a pesquisar as raízes do projeto missioneiro. Ele segue a reflexão sobre o modo de vida nas missões jesuítas:

No modelo missioneiro, ferramentas e meios de produção eram de propriedade coletiva; as classes e o Estado foram abolidos; a economia local era organizada, sem oposição entre campo e cidade; as ciências e as artes chegaram a pleno florescimento. Me parece que o programa (Caravana JN) falou pela primeira vez, dentro do Brasil, claramente sobre isso. Se nós buscarmos os documentos existentes, vamos ver que a base missioneira é fundamental para o que nós chamamos de esquerda mundial, embora no Brasil sempre se escondeu isso. O programa falou e muitas pessoas começaram a pensar e falar sobre isso.

A complexidade da análise da experiência missioneira é abordada pelo professor Mário Simon, da Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões:

Como se diversificaram as interpretações históricas, quer vazando pelo caminho das utopias, quer pelo socialismo comunista, quer pelo teocentrismo político, quer pela pesquisa antropológica, também se abriram brechas para o imaginário pelos meandros da lenda, dos rasgos épicos de coragem, da transfiguração de personagens como Sepé Tiarajú, dos padres mártires, do sonho mítico de uma terra sem males, de comunidades paradisíacas, de santos recheados de ouro, de tesouros enterrados e vigiados por almas penadas dos guaranis. Sem dúvida, um campo fértil tanto para a imaginação criadora do artista como para a credence popular (Simon, em Pippi e Müller, 2007, p. 11).

A proliferação de pontos de vista e a manifestação de opiniões diversas intensificaram-se depois da passagem da Caravana JN por São Miguel das Missões. Isso nos remete ao pensamento do teórico francês Dominique Wolton, quando ele se refere ao papel da TV, em seu *Elogio ao grande público* (2006). O autor afirma que, apesar de consideráveis desigualdades socioculturais e

³⁵ Paul Lafargue (1842-1911): Revolucionário jornalista socialista francês, escritor e ativista político. Foi genro de Karl Marx.

Karl Kautski (1854-1938): Político e teórico socialista, nascido na atual República Tcheca.

profundas diferenças entre as aspirações coletivas e individuais; a despeito de tudo aquilo que separa uns dos outros, pode-se dizer que a televisão oferece a possibilidade de participação numa forma de comunicação coletiva. “A televisão não nos obriga a nos interessarmos por aquilo que interessa aos outros, mas, no mínimo, a reconhecermos a sua legitimidade. E reconhecer o lugar do outro já é um primeiro passo para a socialização” (Wolton, 2006, p. 19).

Dessa forma, não importa se é um índio, um professor rural ou uma autoridade, no momento em que todos participam de uma forma coletiva de comunicação, as diferenças perdem importância. Por consequência surge algo absolutamente salutar, que é o estímulo para que os próprios habitantes da Região Missioneira repensassem sua origem e sua participação no todo do país, reforçando, assim, suas próprias identidades.

“Eu reconheci a minha região na reportagem. Aquelas pessoas que eles entrevistaram, no interior, são as pessoas do nosso dia-a-dia”, é a opinião de José Altamiro Herter, artesão. O escultor correu para ver a equipe de reportagem da TV Globo, no dia em que ela passava por São Miguel das Missões e também fez parte da plateia, na noite de transmissão ao vivo, nas ruínas. Mais cedo, ele foi ao encontro dos jornalistas enquanto eram gravadas cenas para a primeira reportagem da série em diversos pontos da cidade.

José Altamiro Herter diz que a passagem da Caravana JN pela Região das Missões foi marcada pelo frio emblemático do Rio Grande do Sul. “Eu reconheci a minha região na reportagem, especialmente pela geada e pelas pessoas que eles entrevistaram”. Morador de São Miguel das Missões, ele destaca a capacidade que a Caravana JN demonstrou em costurar um retrato do Brasil: “O Brasil é uma colcha de retalhos”. Herter cita a origem do próprio povoado e a miscigenação local, numa comparação ao que teria acontecido no resto do país:

Dentro de São Miguel já tem muitas diferenças, é muito forte aqui o pelo duro, a mistura do índio com o negro, porque aqui houve escravidão e havia os guaranis. O resultado é o que a gente chama o russo daqui, o russo é que tem essa característica do índio, de não trabalhar muito, de ter para hoje, amanhã não importa.

Em São Miguel das Missões, conhecemos também a cabeleireira Jussara Munaretto, dona de um salão de beleza que funciona em sua própria casa. Com ativa participação na vida social da comunidade, ela também acompanhou a edição do Jornal Nacional ao vivo das missões, em 2006. Jussara nos recebeu para uma entrevista, acompanhada da filha adolescente, Cassiana. Diz que se identificou com a reportagem apresentada pela Caravana JN sobre a região onde elas vivem. “Eu reconheci a minha comunidade nesta reportagem, o nosso patrimônio foi bem mostrado”.

Logo na abertura da transmissão, cujo texto transcrevemos anteriormente, William Bonner esclarecia que a equipe queria mostrar um lugar que simbolizasse a região visitada. Nesse sentido, a vendedora Louise Martini Moraes, também moradora de São Miguel das Missões, avalia que o objetivo foi cumprido:

Eles pegaram um pedacinho de cada coisa, foram lá fora onde tinha aquela guria representante da festa do colono falando, no assentamento do MST e depois vieram na cidade, foram na redução (missão) jesuítica, mostraram a escavação na Catedral de Santo Ângelo.

No telejornalismo, mesmo que a criatividade possa estar restringida pela tirania do tempo e dos formatos, ainda assim é inegável a capacidade de transformação dos noticiosos. A Caravana JN, por exemplo, alterou completamente as rotinas dos profissionais envolvidos nela.

Em seu estudo, Gay Tuchman (1978) descreve como as empresas jornalísticas se esforçam para “rotinizar” o seu trabalho. O conhecimento de formas rotineiras de processar diferentes tipos de estórias noticiosas permite que os repórteres trabalhem com maior eficácia. Felipe Pena sugere que a rotinização é uma resposta à necessidade de dar ordem ao caos aparente, como vimos anteriormente. Traquina (2005) segue o mesmo raciocínio. “O ciclo do dia noticioso impõe limites na natureza das notícias. Há que organizar a aparente instabilidade dentro de um ciclo diário no qual cabem esses produtos”.

O trabalho numa redação de televisão segue os mesmos passos, dia após dia. Com a experiência acumulada em mais de uma década nessa profissão, poderíamos citar que os principais estágios para a produção de uma reportagem de telejornal se repetem diariamente. Descartando-se as exceções, o repórter chega à

redação, onde vai encontrar uma pauta. Reúne-se com o restante da equipe, formada quase sempre por um cinegrafista e um auxiliar técnico de áudio e vídeo, que também é motorista. Juntos partem para a execução do trabalho de campo, com entrevistas e coleta de imagens. Posteriormente, esse material é enviado de volta para a emissora, juntamente com o texto escrito e gravado pelo repórter, onde tudo cai nas mãos dos editores. Esses discutem o tema com os repórteres, orientando sobre alterações que se façam necessárias e sugerindo modificações quaisquer. Cabe, então, aos editores de texto e de imagem a responsabilidade por montar a matéria que vai ser exibida no ar. Tudo isso acontece em poucas horas.

Ao mesmo tempo em que é apontada por alguns autores como um método de controle do trabalho, é inegável que a rotina profissional também atua como um facilitador para a operação. No caso da Caravana JN, todavia, a rotina de produção de notícias foi substituída pela imprevisibilidade do trabalho itinerante, pela reportagem e edição feitas na estrada, dentro de um ônibus, com todas as peculiaridades que isso acarreta, como veremos mais adiante, no capítulo 6.

Além de alterar a rotina dos jornalistas, a Caravana JN também mexeu com o cotidiano dos lugares por onde ela passou, deixando lembranças e marcas profundas. É o que constatamos depois de conversar com moradores das comunidades visitadas.

As entrevistas revelam que, desde que chegaram, os profissionais da Caravana JN mudaram o clima da cidade de São Miguel das Missões, aguçando a curiosidade dos moradores. O escultor José Altamiro Herter é um dos que lembram aquele dia. “A gente soube da chegada e eu tinha uma filmadora. Minha esposa trabalhava ao lado de uma rádio e ligou para mim avisando: ‘O Bial está aí, tu não quer filmar ele?’ e eu subi lá para as ruínas”.

Em São Miguel das Missões, é mesmo difícil esquecer o dia 1 de agosto de 2006, quando qualquer sacrifício parecia valer a pena. Jussara Munaretto fala sobre o dia da transmissão ao vivo do Jornal Nacional nas ruínas.

Amanheceu muito frio e a gente estava louca para ir assistir ao programa. Meu marido não queria que nós fôssemos, porque estava muito frio e o meu filho sofre de asma, mas a gente não podia perder aquela oportunidade. Então colocamos o pala de lã, (roupa típica do Sul) e fomos.

Ao chegar ao Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, local onde seria realizada a apresentação ao vivo do Jornal Nacional com William Bonner e Pedro Bial, ela viu que não era a única naquele frenesi de curiosidade.

Quando chegamos, a fila já estava grande, era tanta gente que acabou fazendo calor. Dentro do parque, em frente às ruínas, foi estendida uma corda e também havia seguranças; nós ficamos posicionados atrás. Tínhamos que ficar bem em silêncio para não atrapalhar as gravações.

Naquela noite, a transmissão ao vivo do Jornal Nacional reuniu moradores de São Miguel das Missões e de cidades vizinhas, como Santo Ângelo, Entre-Ijuís, São Luiz Gonzaga, Caibaté, Vitória das Missões e São Borja. Apesar da pouca familiaridade com o aparato técnico da televisão, os espectadores puderam perceber o empenho da equipe e o clima de apreensão pelo desafio de realizar uma operação complexa e conceitualmente nova.

Afinal, criar condições para que os apresentadores do Jornal Nacional entrem ao vivo, do meio da rua, é algo que exige não apenas preparo, mas estudo e capacidade técnica de realização em TV. Definitivamente é muito mais desafiador instalar câmeras, microfones, luzes e conectar-se ao satélite, do meio da rua, do que do ambiente controlado dentro da emissora, no Rio de Janeiro, onde o telejornal é apresentado diariamente, há quase quarenta anos. Ao longo dessa pesquisa teremos a oportunidade de explorar melhor o assunto, ao tratarmos das rotinas produtivas do telejornalismo, da tecnologia empregada pela Caravana JN e da posterior avaliação do projeto feita por quem o executou.

Para o público, poder participar da transmissão do Jornal Nacional ao vivo foi algo emocionante. “Eu me emocionei muito de ver o (Pedro) Bial, o (William) Bonner, ouvir a voz assim de perto e eles foram bem carinhosos, chegaram perto do pessoal para tirar foto”, relata Jussara Munaretto. “Os olhinhos das crianças brilhavam diante do ônibus azul da caravana JN”, afirma com aparente orgulho de ter participado dessa experiência. A estudante Lidiane Oliveira dos Santos, de 13 anos, descreve o clima de tietagem na cidade.

Eu me lembro que tinha um monte de gente e quando o (Pedro) Bial passava, havia gente que agarrava ele, mas era para ficarmos atrás de uma faixa. Eu já tinha visto o Galpão Crioulo, (programa da televisão local, produzido pela RBS TV) uma vez, ao vivo; é bem legal o jeito que eles gravam, são tantos equipamentos e não pode errar. O trabalho é agitado, mas parece que os jornalistas já estão acostumados.

O que aconteceu em São Miguel das Missões serve de matéria-prima para analisarmos a relação, nem sempre clara, entre o público e a televisão. Segundo Bird e Dardenne, em alusão a Sperry (1976), a atenção do público em relação aos modos de produção televisivos e aos profissionais que neles atuam pode chegar aos níveis do fascínio e do mito.³⁶

O público tem tendência a acreditar nesses especialistas, que têm acesso à verdade, pelo menos nas áreas que lhes são familiares. O mito, como as notícias, apóia-se na sua autoridade como verdade. As notícias televisivas, como seus apresentadores vistos em pessoa pelos seus públicos, têm cooptado o papel do contador de estória e fabricante de mitos tão eficazmente que nesse momento é considerado como a fonte de notícias com mais autoridade, e, por conseguinte, verdadeira (Bird & Dardenne, in Traquina, 1993, p. 263).

Em São Miguel das Missões, dar de cara com o mito, no meio da rua, tornava-se possível. Na ocasião, Pedro Bial e William Bonner carregavam toda a autoridade que os anos de carreira no telejornalismo lhes atribuíram, só que, naquele momento eles não estavam mais do outro lado da tela, e sim ao vivo, em carne e osso. Para os moradores era uma sensação parecida com a de enxergar pelos bastidores, de ver o apresentador e o repórter como eles realmente são, e não através das lentes.

Em *Televisão – a vida pelo vídeo*, Ciro Marcondes Filho aborda a importância que a imagem passou a ter nas sociedades modernas:

A imagem é uma das formas mais bem sucedidas que o homem criou para superar o fato angustiante de que depois do dia de hoje virá o de amanhã, o seguinte, e que sua vida caminha para um fim inevitável. [...] A imagem é uma ponte de ligação entre o homem e seu imaginário (Marcondes Filho, 1988, p. 9-10).

Assim como as imagens religiosas ajudam a concretizar no mundo real a crença dos fiéis, as imagens televisivas também suscitam o imaginário humano. E é nele que está a parte mais instigante da vida, conforme observa Marcondes Filho.

³⁶ BIRD, S.E. & DARDENNE, R.W. Mito, registro e estórias: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Veja, 1993.

O elemento vivo das pessoas, seu ‘motor’, não está no real, no cotidiano nem no mundo do trabalho e sim no imaginário. E a televisão é a forma eletrônica mais desenvolvida de dinamizar esse imaginário. Ela é também a maior produtora de imagens (Marcondes Filho, 1988, p. 11).

De imagens, mitos e celebridades. “Aliás, as celebridades tornaram-se o pólo de identificação do consumidor-ator-espectador do espetáculo contemporâneo” (Pena, 2005, p. 88). Em São Miguel das Missões, a presença das estrelas do telejornalismo nacional mexeu com o imaginário da população, atijando elementos capazes de produzir sensações. Surgia uma relação baseada em estima. A moradora Jussara Munaretto tenta explicar a origem da admiração:

Eu admiro os jornalistas porque são pessoas muito estudiosas, né? Para eles contarem a história, eles tiveram que estudar também, eles não conhecem a história como a gente que vive aqui e eles também tinham que contar para câmera aquela história do povo ali. Eu acho que o Bial e Bonner são os dois melhores jornalistas, hoje, e a gente se sentiu valorizado com a presença deles.

Durante os dias em que estiveram na Região das Missões, os profissionais da Caravana JN foram seguidos por muitos olhares. “A sensação, para mim, mesmo sendo jornalistas, era de que se tratava de artistas da TV”, revela Jussara, uma das centenas de pessoas que se aproximaram da equipe. “Vimos o ônibus do JN parado em frente às ruínas. Aí muita gente tirou foto. Mudou o clima na cidade, ficou por um bom tempo aquele comentário: tu viste o Bonner e o Bial?”, diz a estudante Lidiane.

Cada morador tem uma história para revelar, um momento de aproximação. “Com o Bial não houve contato, ele passou muito rápido, mas o William Bonner sim, esse teve uma hora, mais ou menos, na frente das ruínas. Tirou foto, foi muito legal, é muito simpático. Eu fiquei gostando dele, porque ele é uma pessoa especial, vamos dizer”. Foi essa a impressão que o apresentador do Jornal Nacional deixou para o artesão José Altamiro Herter.

O contato entre o apresentador de TV e o público é discutido por Muniz Sodré, em *Monopólio da fala*. O autor estuda as razões para a aproximação entre ambos. De acordo com Sodré, para provocar o estabelecimento de relações afetivas com o telespectador, o rosto televisionado não se pode permitir a valores de mistério, impenetrabilidade ou charme excessivo. Deve ser suficientemente

tranquilo ou apaziguado para ser bem recebido. “O apresentador, mais do que um personagem é um símbolo: ele deve encarnar as virtudes familiares, seu aparecimento no vídeo deve evocar a vida calma, o ambiente de um lar feliz, no qual a felicidade é feita de confiança e dignidade” (Sodré, 1984, p. 64). Como, aliás, já tínhamos visto no capítulo 3, quando estudamos o jornalismo americano.

O vice-prefeito de São Miguel das Missões, José Roberto de Oliveira, acredita que encontro da equipe da Caravana JN com o público foi bem mais do que a simples aparição do mito:

Configurou-se numa oportunidade raríssima pra essas pessoas de interagirem, de falarem, de tocarem, de verem que aquilo é de verdade, que não se trata de um ser “pseudo-eletrônico”, que só se vê na TV. Que existe gente ali atrás. Ainda hoje elas têm fotos dos apresentadores nas suas casas, no trabalho, isso é muito legal. O jeito como eles agiram, de ser gente, de não serem proibitivos, eles caminhavam livremente por aqui assim como se estivessem nas suas casas. Toda essa estrutura trazida para cá mexeu muito com as pessoas, é o circo da TV.

Ao refletir sobre os efeitos da passagem da Caravana JN no cotidiano dos moradores, José Roberto aponta para a questão da valorização:

Eles vendo que um programa desses vem para cá, obviamente mostra a importância do local. Tudo isso é muito bom para auto-estima da sociedade, especialmente para os mais marginalizados que a vida inteira sequer saíram de São Miguel, não vão ao Rio de Janeiro ou São Paulo, onde as imagens desses personagens estão no dia-a-dia, demarcadas com a televisão.

Abrir o leque de notícias, para todo o país, deve ser uma meta a ser perseguida pelo telejornalismo de rede, na opinião do Secretário Municipal de Turismo de São Miguel das Missões. Alfonso Ten Caten se diz cansado de ver notícias produzidas no eixo Rio e São Paulo.

Eu acho importante mostrar peculiaridades, tradições, características locais, isso é interessante, a preservação da cultura. Porque, atualmente mostra mais o Rio de Janeiro, São Paulo ou outras capitais e acaba virando que só aquilo é o bom, só o axé da Bahia, por exemplo, o *funk* do Rio, como se não houvesse variantes. O brasileiro tem que saber tudo o que existe para valorizar o país.

Jussara Munaretto, que trabalha para valorizar a cultura rio-grandense, concorda com a opinião do conterrâneo. “Nas novelas, tudo se passa no Rio de

Janeiro, São Paulo. E o interior também tem vida própria, aqui vivem pessoas que, se por um lado são até mais sofridas, por outro tem a tranquilidade do interior”.

Voltando o foco da discussão para a experiência da Caravana JN na região missioneira, abordaremos os efeitos provocados pela passagem da equipe com a comunidade. Quem conseguiu se aproximar dos jornalistas pôde comparar a imagem que fazia deles antes e depois do encontro. Realidade e vídeo postos lado a lado. “É bem diferente, a gente sempre vê eles pela televisão aí tu vai ver assim ao vivo é diferente”, compara a estudante Lidiane.

Para o público, a relação com os apresentadores não será mais a mesma após esse encontro. “Agora, depois de eu tê-los visto, parecem até da família. A gente está vendo todos os dias essas pessoas, mas depois de ver pessoalmente acho que é bem mais bacana”, avalia Jussara Munaretto.

“Aqui em São Miguel várias pessoas abraçaram o Pedro Bial, tiraram fotos com o William Bonner, viram todo esse processo da televisão que está tão distante. O Jornal Nacional tu só assistes, de noite, e de repente eles estavam na comunidade”. Alfonso Ten Caten, Secretário de Turismo de São Miguel das Missões revela que a reportagem da Caravana JN teve reflexos na visitação à cidade:

Para as pessoas daqui é importante, além da nossa cidade, em todas as outras cidades por onde eles passaram houve uma importante divulgação. Várias pessoas assistiram, várias pessoas chegaram aqui e disseram: “bah! Eu vi na TV e fiquei curioso, por isso vim olhar de perto”.

O sistema de valorização do lugar, diante da própria comunidade e do país, é destacado pelo vice-prefeito do município, José Roberto Oliveira, em relação à passagem da Caravana JN por São Miguel das Missões:

Para os moradores eu diria que foi muito importante porque é um sistema de valorização. Eles vendo que um programa desses vem para cá, obviamente mostra a importância do local, conviver com os personagens da TV, que autorizavam eles a fazer fotos, que andavam para lá e para cá com eles, conversavam com eles, então isso é muito bom para auto-estima da sociedade.

Se o contato fortuito com os jornalistas, pelas ruas da cidade, provocou grande impacto entre os moradores de São Miguel das Missões, a presença do

público na noite de transmissão ao vivo é um assunto que merece tratamento à parte.

Surpresa diante do novo e de si próprio, como relata a vendedora Louise Martini Moraes. Na época da Caravana, ela ostentava o título de Primeira Princesa de São Miguel das Missões. “Eu nunca tinha visto um programa ao vivo e tinha um telão do lado que mostrava tudo o que passava no ar, tu vias na hora, a gente se viu. A sensação de se ver na televisão é meio esquisita, parece que não é a gente, é engraçado”.

Ter a própria imagem transmitida para todo o Brasil é uma sensação que os moradores não esquecem. A estudante Lidiane revela certo desconforto com a experiência:

Olhar a nossa própria imagem é esquisito para quem nunca esteve na TV, dá até um pouco de vergonha de aparecer na frente de todo mundo. Acho que se ninguém soubesse que estava sendo filmado, estaríamos de uma forma, mas saber que está todo mundo vendo, aí é outra coisa, dá vergonha: será que vou fazer bem?

A preocupação que aflige Lidiane não existe nos registros de memória da também estudante, Cassiana Munareto, de 17 anos. Ela guarda apenas uma sensação de orgulho e certo prazer: “Nós estávamos bem na frente, deu para nos ver bem na TV. Bah! Quando a câmera passava era ‘só risos’. A gente ficava de olho neles e no telão, não sabíamos se olhávamos para os apresentadores ou nos procurávamos na imagem, atrás”. Como outras jovens da comunidade, naquela noite, Cassiana estava vestida de prenda (roupa típica da mulher gaúcha), numa tradicional reverência e em sinal de boas-vindas aos visitantes.

O professor Alfonso Ten Caten, que como já vimos aparece na primeira reportagem ao lado da mulher e da filha, de três anos, também conta o que sentiu ao se ver na televisão:

É emocionante tu te ver ali, nessas questões tu tem poucos segundos para dizer o que tem que dizer. A repercussão foi enorme. A gente morando num assentamento, lá no fundão, longe da cidade 30 quilômetros e de repente começa a tocar o telefone. São todos os parentes que viram e até quem não é parente também comentou.

Ninguém queria perder a chance de aparecer na TV em horário nobre e na própria terra. “Eu estava tomando chimarrão e eu lembrei de mostrar a cuia, daí eles acabaram me filmando, eu apareço na reportagem, num pequeno *flash*”, orgulha-se o artesão José Altamiro Herter. “Eu não pensei em filmar a minha pessoa, mas sim um símbolo daqui” conta, satisfeito.

Nossos entrevistados na Região Missioneira também destacaram o papel de investigação da Caravana JN, ao questionar os brasileiros sobre os seus desejos. Representante do poder público local, o vice-prefeito de São Miguel das Missões, observa os pontos altos da iniciativa. “Uma coisa muito importante foi o levantamento das demandas locais, já que foram ouvidas pessoas da cidade, questões que reverberaram nacionalmente”. José Roberto de Oliveira acredita que a reportagem produzida na cidade e a transmissão ao vivo do Jornal Nacional, nas ruínas de São Miguel Arcanjo, ajudaram a produzir auto-reflexão entre o povo miguélino:

As pessoas se verem na televisão é algo muito bacana. Levar a comunidade ao Jornal Nacional, isso é algo extraordinário. E causa uma reflexão na vida das pessoas, causa uma mudança. Elas vinham numa linha e dá uma mudada, ao se verem dentro de uma estrutura nacional e internacional.

Em sentido literal, a Caravana JN pôs o município de São Miguel das Missões no mapa. As reportagens da série exibiam um mapa do país, com o trajeto percorrido pela equipe de jornalistas até aquele momento. E o ponto de partida, no Rio Grande do Sul, era evidenciado a cada nova etapa, para a satisfação local. A prefeitura admite que se sentiu beneficiada, mesmo que involuntariamente:

Em todos os episódios mostrar imagens e dizer que a Caravana JN tinha partido de São Miguel das Missões e estava hoje em determinado lugar é importante e marcou, repetitivamente, a imagem de São Miguel das Missões durante dois meses, no Jornal Nacional. Se fosse transformar isso em mídia paga, não haveria dinheiro para isso.

Para o vice-prefeito, José Roberto de Oliveira, “a Caravana foi responsável pelo posicionamento da imagem do Patrimônio Cultural da Humanidade perante o país e fora dele, num horário de Ibope importante”. Vale esclarecermos que a

audiência no exterior se deve à transmissão do Jornal Nacional pela Globo Internacional.

Ver a própria cidade em destaque no mapa do Brasil também causou orgulho à estudante Lidiane Oliveira dos Santos, de 13 anos. “Divulgou a nossa cidade que é pequena e muita gente nem sabia que existia, e falava sempre que a Caravana JN tinha começado em São Miguel das Missões. Vieram muitos turistas depois disso”. A informação sobre o aumento no movimento de turistas pós-Caravana JN, em São Miguel das Missões já havia sido dada pela Secretaria de Turismo local e passava a ser confirmada também por profissionais da área de turismo receptivo. “O meu marido é guia turístico e as pessoas quando vêm para cá comentam: ‘ah, esta foi a cidade que o William Bonner esteve’, eles comentam e até vêm mais turistas, para conhecer, por causa da Caravana JN”, revela Jussara Munaretto.

São muitos os autores que se dedicaram a estudar a formação do povo gaúcho e, em especial, o desenho de uma identidade missioneira. Por ora, de forma bastante sucinta, basta-nos saber que o povo missioneiro nasceu da soma das contribuições dadas por índios, alemães, italianos, poloneses e outros imigrantes que se fixaram na região.

Depois de visitarmos uma tribo indígena e conversarmos com moradores de São Miguel das Missões, partimos para a Associação Missioneira da Etnia Italiana, fundada por imigrantes e seus descendentes, há 19 anos, no município de Santo Ângelo. Lá fomos recebidos por um grupo bastante animado, unido, que tem prazer em conversar e que se orgulha de preservar a própria cultura. Não houve qualquer resistência ao convite desta pesquisadora para um encontro numa tarde de domingo, na sede da entidade, que fica localizada fora da cidade, no Parque de Exposições. Foi nesse local que, em agosto de 2006, os membros da Associação Missioneira da Etnia Italiana haviam recebido a equipe do Jornal Nacional, com festa.

A verdadeira Itália é aqui no Brasil, pelo menos nesses rincões, porque é a gente que vive estas tradições antigas. Na Itália, hoje, tu não comes polenta, essas coisas típicas nossas. É muito difícil de encontrar. A Itália de 1700 está aqui”, afirma Domingos Frandoloso.

O policial federal aposentado tenta descrever como havia sido o jantar oferecido para receber a Caravana JN e no qual foram registrados, através de imagens e de entrevistas, elementos e tradições da cultura italiana e que são presentes, ainda hoje, no povo missioneiro.

Mais de um ano depois de receber a Caravana JN, novamente reunido em torno de uma grande mesa, o grupo reviu a reportagem exibida pela TV Globo na época.³⁷ Enquanto passavam o chimarrão de mão em mão, eles contaram sobre a importância que dão ao Jornal Nacional em suas rotinas. “O JN para nós é todo o dia, é indispensável como o chimarrão. Vemos eu e minha mulher”, diz o funcionário público Roque Turr. Já a dona dona de casa Odilse Dorneles Rampon tem outros companheiros de programa: “eu pego meu crochê e fico ouvindo. Mas meu marido, Jacó, não há quem o tire da televisão.”

Transcorrido um ano da passagem da equipe da Caravana JN pela região das missões, as reflexões provocadas no grupo e a avaliação posterior da reportagem indicam que este assunto ainda é bastante vivo na memória de todos. Assistir na televisão ao trabalho dos arqueólogos no resgate histórico do solo missioneiro e das raízes do Rio Grande do Sul é motivo de orgulho para a maioria dos membros do grupo estudado.

Maria Aparecida Lucca fala sobre a importância que é dada às origens: “dá orgulho, nós temos muito orgulho de sermos italianos, de cantarmos nossa música e de falarmos a língua italiana. Nós comemos a comida que nossos antepassados faziam”, diz ao citar o licor de jabuticaba que a mãe preparava.

Eu fiz e servi no churrasco da Caravana JN, então a gente tem muito isso de segurar as tradições, de aprender com as coisas, de continuar fazendo. Não é só o gaúcho que é tradicionalista, mas a gente, que tem origem italiana, está atento a cada bordado, tudo a gente cuida.

A professora luta pela disseminação da cultura e da história da formação do Rio Grande do Sul, no restante do país. Para alguns leitores, falar sobre a Guerra Guaranítica, dois séculos depois de ela ter ocorrido, pode parecer anacrônico. Mas Maria Aparecida elogia o espaço aberto pelo telejornalismo da

³⁷ Ver fotos de nossa visita de estudos a Associação Missioneira da Etnia Italiana, no anexo 5.

TV Globo, durante a Caravana JN, para abordar fatos históricos que resultaram na formação do atual território gaúcho:

Acho que o fato de a reportagem ter focado a cultura indígena foi uma espécie de pagamento de uma dívida social, já que, os índios, juntamente com os negros, que na época formavam mais da metade da população do território gaúcho, nunca foram beneficiados com política nenhuma de terra. Diferentemente do que aconteceu com imigrantes açorianos, alemães e italianos. Durante todos os momentos de ocupação de terras no Rio Grande do Sul, a cultura indígena foi a que mais sofreu.

O grupo troca impressões sobre a passagem da Caravana JN pela região. Policial federal aposentado, Domingos Frandoloso destaca aspectos positivos da viagem:

Eu acho que é super válido, porque daí o jornalista tem a dimensão de cada região, senão ele fica dentro da redação, ele recebe as informações e só repassa. Ele está ali no Rio, não conhece os lugares. Uma vez que ele pisou aqui, conheceu o povo, a geografia, sentiu o frio, etc, foi muito válido.

O presidente da associação Missioneira da Etnia Italiana, o agricultor Ivan Barrachini, fala da divulgação obtida com a reportagem. “O pessoal do mundo inteiro agora sabe que Santo Ângelo tem a Associação Italiana”.

O funcionário público Roque Turr concorda:

Para nós, indiretamente, foi uma promoção, porque apareceu na TV de graça, o que é uma coisa muito difícil. Lá fora ninguém tem idéia de que aqui existisse um núcleo assim tão forte italiano. Acho que foi bom, em nível nacional, quando passou aquela turma cantando. Eles mostraram a parte alegre.

Esse teria sido um dos grandes acertos da Caravana JN também na opinião da professora Maria Aparecida Lucca:

Você só assiste, infelizmente é o que a gente está conseguindo ver no Brasil hoje, é a corrupção, tráfico de drogas, só isso. Então a Caravana JN dá uma alma nova. Eu acho que tem tanta coisa boa para se mostrar e foi dada a oportunidade para isso, porque a gente viu coisas boas.

Alma nova. A mesma expressão foi usada por Ivan Barrachini: “as reportagens da Caravana JN deram alma ao telejornal, uma alma nova para sair

fora daquele esquema pesado. Aquela proximidade do público enriqueceu muito o jornal”, afirma.

Foi uma oportunidade única de ver a comunidade italiana retratada na TV, revela o aposentado Jacó Rampon. Telespectador assíduo do Jornal Nacional, como já nos havia confidenciado a esposa dele, dona Odilse, Jacó fala de seu desejo de saber o que acontece fora do eixo das metrópoles:

Hoje em dia é Brasília, Rio e São Paulo. É bala perdida no Rio, o senador que roubou na capital federal, mais uma CPI no Congresso Nacional, são os assuntos que estão em voga. Durante a Caravana JN eles conseguiram mostrar o resto do Brasil e isso é super importante.

Outro aspecto a ser abordado com o grupo de estudo era a relação que se estabeleceu entre a população local e os jornalistas da Caravana JN. Juntamente com a televisão, vieram também os ícones que compõem o universo do telejornalismo brasileiro e eles desafiavam os moradores das localidades a expor seus desejos. A passagem da Caravana JN por cidades pequenas, como Santo Ângelo e São Miguel das Missões, constituiu um campo propício para estudar como os telespectadores do Jornal Nacional decodificaram esse encontro com os profissionais da TV.

Pelo que ouvimos dos entrevistados da Associação Missioneira da Etnia Italiana, aquele foi um momento de grande euforia. Mas, acima de tudo, de muito orgulho. É o que mostram as cenas reconstituídas a partir de fragmentos da memória de cada um deles, sobre como foi aquele dia. O aposentado Domingos Frandoloso lembra do sentimento de igualdade gerado pelo encontro:

Além de a televisão chegar até o nosso meio, trazer os ícones que apresentam o Jornal Nacional, se colocar no meio da gente de igual para a igual, numa simplicidade numa coisa maravilhosa, eu acho que trouxe também a oportunidade de mostrar a nossa casa. Eu achei muito válido.

O entrevistado traz a palavra “ícone” para esta discussão, ao se dirigir aos apresentadores do Jornal Nacional. Torna-se oportuna uma breve pausa para avaliar quais são as figuras de maior destaque da televisão brasileira na atualidade. Em *Monopólio da fala*, Muniz Sodré ajuda a traçar um quadro de preferências ao longo do tempo e que reforça o papel dos apresentadores.

A televisão brasileira já teve seu tempo quente dos animadores: Flávio Cavalcanti, J. Silvestre, Chacrinha, Blota Júnior e outros. Apesar da persistência de Sílvio Santos, o velho estilo tende a desaparecer. Em seu lugar firma-se a figura do apresentador, percebido pelo público como um personagem central da mensagem televisiva. Através da apresentação, fundamental nos noticiários, documentários e shows, o *médium* procura realizar uma síntese dos diversos conteúdos ou dos vários códigos implicados na transmissão (Sodré, 1984, p. 60).

Seguindo essa lógica, William Bonner, Fátima Bernardes e Pedro Bial, nomes de peso da Caravana JN, fazem parte do grupo de personalidades da TV que mais despertam o interesse do público. Falta-nos investigar, portanto, como foi esse contato entre os apresentadores e jornalistas da Caravana JN e as demais pessoas. O agricultor e presidente da Associação Missioneira da Etnia Italiana, Ivan Barrachini, destaca o clima de harmonia e bom humor em que se deu esse encontro:

O Bonner passou a idéia que ele é uma pessoa sem frescura nenhuma, isso que o pessoal achou. Ele é uma pessoa legal, normal, porque tem artistas que se consideram estrelas, com exigências, mas ele não. Até nós servimos vinho de um companheiro nosso que já faleceu, ele estava aqui na época, eu lembro que o Bonner perguntou para ele ‘quem pisava naquela uva, para fazer o vinho’. Daí ele brincou que eram os netos dele que pisavam. A gente deu de regalo uma garrafinha. A receptividade dele foi muito boa, todo mundo gostou dele.

O comportamento amável condiz com o que é esperado de uma figura pública, segundo Muniz Sodré, em citação a Sérgio Miceli. O autor cita elementos essenciais para a construção de uma personalidade de TV. “Simplicidade, bom humor, sorriso fácil, simpatia, sensibilidade, calor humano, compõem virtualmente a gramática geral das mensagens televisivas” (Muniz, 1984, p. 61). Sodré avança na descrição. “A figura do apresentador que interpela tem de ser suficientemente familiar e descontraída para permitir uma relação de identificação com camadas heterogêneas do público” (Sodré, 1984, p. 62). Essas contribuições apenas reforçam o que já tínhamos visto antes a esse respeito.

Naquela noite de festa em que os italianos receberam o JN, o salão da entidade estava lotado por pessoas de diferentes faixas etárias e ramos de atividade. Mas a empatia dos presentes com o apresentador do Jornal Nacional, o jornalista William Bonner, parece ter sido unanimidade. Vejamos o que conta o aposentado Domingos Frandoloso. “Foi excelente, foi muito legal. Foi muito

gentil, cantou aqui no meio, o grupo do coral estava aqui. Ele se ‘enturmou’, cantou junto, foi uma beleza. Muita foto, fez muito sucesso com as mulheres, também! Havia a expectativa de vê-lo, não é?”

O encontro real com a estrela da TV, parece ter repetido o clima de informalidade e leveza que os apresentadores mantêm com seu público espectador através do vídeo. Vejamos outras contribuições de Muniz Sodré:

A interpelação direta efetuada pelo apresentador é o elemento fático mais visível da televisão. A familiaridade instaurada por seu rosto, em atitude de conversa íntima, de bate-papo, naturaliza a apresentação do mundo pelas imagens e estabelece o contato com o telespectador. Este espera sempre que a TV ultrapasse os efeitos de mero espetáculo ou de pura informação e se invista da atmosfera de simpatia e camaradagem, característica ideal de grupos primários, como a família (Sodré, 1984, p. 61).

Num ambiente conhecido e que para o grupo lembra a tranquilidade familiar, cada um vivenciou esse encontro de maneira particular. “Foi ótimo. Ele é incrível. Todas queriam tirar fotos com ele. Eu achei que ele é mais alto, ele é bem mais alto pessoalmente”, diz Ivan Barrachini sobre a reação que teve ao conhecer o jornalista William Bonner. O militar aposentado Jacó Rampon também gostou do visitante. “Ele batia fotos com todo mundo, conversou com todo mundo. Ele esbanjou simpatia.” Um relato complementa e confirma o outro. “Ele é bastante carismático, não é a toa que está onde está. Tem uma consciência de homem público bem alta, foi simpático, atendeu todo mundo”, afirma Roque Turr.

A pesquisa bibliográfica feita até aqui nos mostra que o tom informal de se comunicar é o primeiro passo para que um apresentador de televisão obtenha carisma. “Sua enorme aceitação por parte do público deve-se, segundo sondagens de mercado, ao tom familiar e coloquial que consegue manter” (Sodré, 1984, p. 64).

Como se fosse alguém muito próximo do nosso próprio meio, “o apresentador é um símbolo: ele deve encarnar as virtudes familiares; seu aparecimento no vídeo deve evocar a vida calma, o ambiente de um lar feliz, no qual a felicidade é feita de confiança e dignidade” (Sodré, 1984, p. 64).

Com surpresa, a professora Maria Aparecida Lucca acabou descobrindo que tinha mais coisas em comum com o jornalista William Bonner do que ela

jamais podia supor. “Porque a gente ‘endeusa’ essas pessoas, como se elas não fossem com sentimentos, com família, com fralda para trocar e filhos, com essas coisas cotidianas e na verdade eles se mostraram muito parecidos.”

Partindo do desenho da região missioneira, a constatação da diversidade de hábitos e estilos de vida, dentro de um mesmo estado, sugere o tamanho do desafio de tentar representar um país inteiro por meio de seus diferentes grupos. Tarefa que aumenta em dificuldade, sobretudo quando transposta para o tempo reduzido da televisão. Este, aliás, é um ponto a ser mencionado, já que, ao declararem suas opiniões sobre a experiência da Caravana JN, os entrevistados demonstraram também perceptível familiaridade com o ritmo ágil e rápido da televisão. O militar aposentado Jacó Rampon deixa isso bem claro. “O espaço é reduzido, não dá para mostrar tudo porque a região é muito grande e tem muitas coisas, mas o que eles mostraram é o principal”. “A parte que vai ao ar já é bem peneirada, mas o Brasil é mais ou menos isso mesmo”, concorda o Roque Turr.

E já que a pesquisa nos levou para este canto do Brasil resolvemos incluir estudos acadêmicos locais. Para municiar nossas análises trazemos o trabalho da doutora em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Liane Maria Nagel. Ela dedica parte de sua pesquisa a compreender o que a passagem do tempo fez com a história das Missões, a analisar o papel da mídia como formadora de opiniões e as relações dos habitantes da região com a memória dessa história. É o que a autora faz no artigo incluído na publicação organizada por Gladis Maria Pippi e Nelci Muller (2007). Fundamentando-se em trabalhos publicados por antropólogos, sociólogos, historiadores e outros cientistas sociais, a professora Liane Nagel procura examinar a relação da atual população de Santo Ângelo com o seu passado, na perspectiva de que os grupos sociais originários da multiplicidade de etnias provenientes do vasto movimento migratório europeu, que se desenvolveu ao longo do século XIX, sob a motivação de encontrar terra e trabalho, na perda das raízes de seus referenciais históricos, buscam uma identidade idealizada no passado histórico da região (Pippi e Müller, 2007, p. 102).

Santo Ângelo tem uma população de origem heterogênea, em que predominam os descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses e outras etnias que, no processo de miscigenação aos portugueses, espanhóis, negros e índios deu origem a um verdadeiro ‘mosaico étnico’ (Pippi e Müller, 2007, p. 102).

Citando Pesavento, Liane Nagel ajuda a compreender como esse emaranhado cultural se reflete na ideia que fazemos de nossa própria identidade.³⁸

Todas as sociedades, ao longo de sua história, elaboram para si um sistema articulado de idéias e imagens de representação coletiva, através do qual constroem sua identidade. Articula-se assim todo um imaginário social que inclui uma visão sobre o passado, a construção de personagens-símbolos e a atribuição de valores, características e hábitos a povos que habitam uma determinada região (Pesavento, 1993, p. 11).

Pensar o caleidoscópio étnico e cultural da região missioneira serve como estudo preparatório para analisar a complexidade do caso brasileiro.

Todos sabemos que uma das grandes preocupações das pessoas é saber quem somos, para onde vamos, de onde viemos, e não é à toa que quando nascemos nossos pais nos dão um nome e um sobrenome pelo qual nos identificamos, nos referenciamos e nos diferenciamos, pois todo o processo de identificação se faz em relação aos outros e quando nos identificamos, nos referimos a um nós que nos diferencia (Pippi e Müller, 2007, p. 106).

Armando Silva (2001) analisa a questão sob um viés político. Ele diz que a necessidade de construir uma identidade cultural está relacionada a uma necessidade política, que se traduz de maneira estética. Para o autor, o primeiro mundo age sob uma condição hegemônica e não tem necessidade de perguntar sobre a própria identidade, sendo que atua a partir dela. Enquanto que o terceiro mundo se debate entre o próprio e o alheio. Ou seja, o nacionalismo toma importância na medida em que estamos sendo constantemente bombardeados pela cultura estrangeira.

Durante dois meses, foi como se uma caixa contendo elementos das raízes do povo brasileiro se abrisse, noite após noite, diante dos olhos dos telespectadores. A Caravana JN conquistou o interesse do público.

A gente acompanhou o resto da viagem da Caravana pela TV. Quando dava aquela ‘musiquinha’ (a vinheta), a gente corria para olhar. Onde será que eles estão hoje? O que eles estão fazendo hoje? Porque o pessoal se interessou, afinal nós já os conhecíamos. Teve momentos em que eles atolaram o ônibus, lá no nordeste, eles também passaram dificuldade, né?

³⁸ Pesavento, Sandra Jatahy. **Gaúcho, Integração do Múltiplo** In: KERN, Arno. Rio Grande do Sul – Continente Múltiplo. Porto Alegre: Riocell/Marpron, 1993, p.11

A pergunta da cabeleireira Jussara é de alguém que se sente próximo, integrado ao projeto. “Assistíamos a tudo, era bem interessante porque aquilo foi um programa político, trazia a ânsia das pessoas em cada lugar e como era no Jornal Nacional não focou somente a parte rica das cidades, o progresso, mas focou também o povo, o grosso das pessoas”, diz o funcionário público Roque Turr, confirmando o relato de que a Caravana JN foi acompanhada com fidelidade.

A gente já tinha viajado para o norte, que é uma coisa bem diferente daqui, então a gente tinha uma idéia de que era mais ou menos assim, né? Mas ficou bem retratado. Mostrou bem o Brasil, chamou atenção. Deu pro Brasil ver todos os quadrantes e todas as suas necessidades, esse era o objetivo deles e ficou muito claro isso, completa.

Os relatos dos entrevistados nos permitem inferir que a Caravana JN realizou a tarefa de aproximar, pela TV, aqueles distantes fisicamente. Esta é a opinião do policial Domingos Frandoloso:

Como se diz: se a gente ama o próximo, os distantes se aproximarão, então eu acho que no momento em que se conhecem outras realidades isso é muito bom para gente ter essa dimensão do país, senão tu ficas atento somente às tuas coisas, ao teu dia a dia, não sai fora desse âmbito e assim, com as reportagens, tu ficas conhecendo como é realmente a vida deles lá na Amazônia, assim como o resto do Brasil ficou sabendo como é a nossa situação, o que existe aqui, eu acho super válido.

Alfonso Ten Caten, Secretário de Turismo de São Miguel das Missões, dá exemplos de como acontece essa aproximação:

Eu acho que ajuda a criar uma unidade entre o povo brasileiro, porque as pessoas já ficavam esperando em que lugar eles estariam. Acaba mostrando as particularidades de cada local, o que faz com que a gente sinta empatia. São assuntos que acabam ligando o Brasil. Ah, mas lá também tem o que eu tenho, é parecido, o sofrimento também, a gente sofreu aqui bastante com a seca e tu ficas ligado em como o povo se sente no nordeste. Exemplifica.

Outros aspectos chamaram atenção de Jussara Munaretto:

A cultura de quem trabalha na lavoura, as crianças indo para o colégio a pé. Eu também já fui para o colégio a pé, na chuva, com uma sacola de plástico. A gente vê que alguns hábitos não são tão diferentes do que a gente passou. Antigamente não tinha esses ônibus que pegam as crianças em casa para ir ao colégio. Nós andávamos 4 ou 5 quilômetros e a gente vê que isso ainda existe no norte do Brasil.

Depois de ler esses depoimentos, faz-se oportuno que voltemos às contribuições de Dominique Wolton. A participação do indivíduo na coletividade é um dos pontos estudados pelo autor, em seu *Elogio do grande público – Uma teoria crítica da televisão* (2006). O teórico francês dedica seus estudos ao tipo de interação social provocada pela mídia, especificamente pela TV. E diz que o caráter da televisão é “reunir indivíduos e público que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva” (Wolton, 2006, p. 15). Assim, apesar de consideráveis desigualdades socioculturais e profundas diferenças entre as aspirações coletivas e individuais do público, a despeito de tudo aquilo que separa uns dos outros, Wolton acredita que a televisão generalista, como é o caso da TV Globo, oferece, através de seus inúmeros programas, a possibilidade de participação numa forma de comunicação coletiva.

A força da televisão está no re-ligamento dos níveis da experiência individual e da coletiva. Ela é a única atividade a fazer a ligação igualitária entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, ente os cultos e os menos cultos. Todo mundo assiste a televisão e fala sobre ela (Wolton, 2006, p. 16).

Ao analisar as trocas viáveis na comunicação pela TV, Muniz Sodré ataca o monopólio do discurso por parte da televisão, considerando-o como ferramenta para perpetuar a hegemonia do falante sobre o ouvinte, na medida em que elimina a possibilidade de resposta do telespectador (Sodré, 1984, p.26). De outro lado, Dominique Wolton acredita que a televisão serve para conversar. Pelo menos entre espectadores:

A televisão é um formidável elemento de comunicação entre os indivíduos. O mais importante não é o que se vê, mas o fato de se falar sobre isso. A televisão é um objeto de conversação. Nisso é que ela é um laço social indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam freqüentemente isolados e às vezes solitários (Wolton, 2006, p. 16).

Durante as entrevistas para essa pesquisa, ouvimos inúmeros relatos de como a Caravana JN reconfigurou relações a partir da exibição de imagens de várias partes do Brasil. A repercussão de ter aparecido na TV foi enorme para Domingos Frandoloso:

Eu te vi na tela da Globo, vi o gaiteiro lá na TV, gente da cidade, do norte do país e até de fora do Brasil. Teve gente que me conhecia e por acaso a gente apareceu um pouquinho mais, cantando e tocando, chama atenção, não é? Muitos parentes se lembraram que existia um outro Frandoloso. Parentes que eu não via me ligaram. Pelo menos para nós aqui, a oportunidade que nós tivemos para mostrar a nossa etnia, humilde e simples, realmente surtiu efeito. Desse lado, foi muito bom.

São os laços refeitos pela televisão. A Caravana JN também criou um elo entre a cabeleireira Jussara Munaretto, moradora do interior do Rio Grande do Sul e parentes dela que vivem no nordeste. “Depois de cada capítulo conversávamos com a vizinhança, com os amigos. Eu tenho um irmão, em Maceió, ele me ligou dizendo que tinha nos visto. Ficou atento ao resto das reportagens. A gente olhava o Jornal Nacional e conversava pelo telefone, depois”. Uma cadeia de brasileiros, ligados pela Caravana JN, da qual também fazia parte a estudante Lidiane Oliveira dos Santos:

A gente ficava ligada para ver as outras cidades, eu conheci melhor o Brasil. Ver os problemas dos outros faz com que eu me sinta mais brasileira, me solidarizo com os ribeirinhos da Amazônia, que vivem distantes. São do mesmo país, quase a mesma descendência, porque eu sou descendente de índio e eles também. Sou descendente de índio e português. Lá no Amazonas também tem bastante índio.

As experiências vividas e relatadas pelos moradores de Santo Ângelo e de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, permitem acreditar que, pelo menos naqueles momentos, a distância foi vencida pelos sinais da televisão.

Se, nos grandes centros urbanos, o distanciamento é imposto pela fragmentação imposta pela modernidade, no interior do Brasil, a população ainda sofre com a distância real das metrópoles. Comunidades ainda vivem isoladas na Amazônia, em lugares onde as novidades demoram a chegar. Um vácuo que cada vez mais passa a ser ocupado pelas mensagens audiovisuais.

Assim, ao mesmo tempo em que permite a ligação de regiões separadas pelo processo de fragmentação dos mapas sociais na contemporaneidade, em consequência das mudanças impostas pela modernidade, a televisão tem também a capacidade de perpassar quilômetros de território nacional, viajando na velocidade das transmissões por satélite, religando as regiões distantes do Brasil, divulgando um imaginário de identidade nacional.

Meio século depois de sua implantação e do que parecia ser uma extravagância do visionário Assis Chateaubriand, a televisão brasileira chegava à marca dos 50 milhões de aparelhos espalhados em todo o território nacional, conforme reportagem publicada pela Revista Imprensa, em 2000.³⁹

Seja no interior do Rio Grande do Sul ou no coração da Floresta Amazônica, a televisão se tornou um dispositivo para viabilizar o contato, encurtar caminhos e conectar grupos sociais. É o laço invisível descrito por Dominique Wolton, menos forte e menos limitador do que as situações institucionais ou as interações sociais, mas perfeitamente adequado a uma sociedade individualista de massa, caracterizada simultaneamente por essa dupla valorização da liberdade individual e da busca de uma coesão social (Wolton, 2006, p. 124).

O laço social significa duas coisas: o laço entre os indivíduos e o laço entre as diferentes comunidades constitutivas de uma sociedade. Se a comunicação consiste em estabelecer alguma coisa de comum entre diversas pessoas, a televisão desempenha um papel nessa reafirmação cotidiana dos laços que juntam os cidadãos numa mesma comunidade (Wolton, 2006, p. 135).

Os efeitos massivos da televisão também podem ser analisados fazendo-se uma relação entre os trabalhos de Canclini e Muniz Sodré. Enquanto o primeiro destaca que hoje os intercâmbios culturais acontecem mais no plano da mídia e da indústria da comunicação do que na própria literatura, nas artes visuais ou na cultura tradicional, Sodré se mostra descrente da possibilidade de uma troca eficaz através da televisão.

Um dos efeitos manifestos do sistema da televisão é a desindividualização, isto é, a tentativa de apagar diferenças individuais do sujeito através da linguagem uniformizante do consumo e da socialização autoritária, nos moldes do *status quo* (Sodré, 1984, p. 56).

Aqueles que participaram da experiência da Caravana JN afirmam ter encontrado uma maneira de relatar necessidades individuais, ao mesmo tempo em que se posicionavam nacionalmente. O vice-prefeito de São Miguel das Missões, engenheiro e ex- diretor de desenvolvimento do turismo do Estado do Rio Grande

³⁹ Venceslau, Pedro Paulo. Uma extravagância chamada TV. *Revista Imprensa*, 2000, p.30.

do Sul entre os anos de 1999 e 2002, José Roberto de Oliveira, identifica na Caravana JN uma ferramenta de observação, que acabou por revelar um forte ponto comum entre o município missioneiro e o resto do país.

O Brasil é um país muito díspar, muito diferente e quando você posiciona, num mesmo programa, um determinado ponto, que era exatamente ver as diferenças e as necessidades do país, obviamente que você dá unicidade. Essa idéia de integração pelos problemas, o programa deu esse conjunto sim, e quando se discute o problema se discute alternativas e soluções. A primeira resposta, que saiu daqui, é a grande resposta e vale para os outros lugares também. O Brasil precisa de educação.

Do interior do Rio Grande do Sul, com todas as suas peculiaridades e tradições, surgia uma demanda que se apresentava como válida para o resto do país, o que nos desafia a pensar sobre a relação entre o local e o global. O fato de as comunidades aprovarem e se sentirem prestigiadas com a exibição de imagens e notícias sobre as particularidades de cada região brasileira demonstra coincidência com os trabalhos de Stuart Hall. Segundo o autor, “há, juntamente com o impacto do global, um novo interesse pelo local. A globalização explora a diferenciação local” (Hall, 2005, p. 77). Ou seja, no momento em que o processo de globalização multinacionaliza a economia, abolindo fronteiras de mercado de trabalho, criando estilos de vida mundializados, confirmando as previsões de que viveríamos numa aldeia global, simultaneamente, ocorre o processo aparentemente inverso, restaurando a discussão sobre as identidades regionais.

Renato Ortiz escreve sobre essa interação entre o local e o global, ao analisar as sociedades pós-modernas em *Mundialização e cultura*. “Padronização e diferença são faces do mesmo fenômeno, o que torna compreensível o lema das grandes corporações: pense global, aja localmente” (Ortiz, 2006, p. 181).

Em seus estudos sobre a televisão brasileira, Ortiz constatou que a valorização do regional vem sendo levada em consideração desde que teve início a expansão da rede nacional. Citando um artigo sobre a implantação da Rede Regional de Televisão no Rio Grande do Sul, Ortiz afirma que “a televisão foi uma forma de impedir que o homem do campo ficasse alienado do meio em que vive, produzindo-se localmente programas que abordassem temas da vida e da comunidade-pólo” (Ortiz, 1988, p. 166). Ou seja, integrar a comunidade local no processo de elaboração da programação de TV tem demonstrado ser o caminho

mais curto para o sucesso. Maria Aparecida, professora em Santo Ângelo, também destaca como um ponto positivo o fato de a televisão direcionar seu foco para o indivíduo:

Em termos de identidade, quem eu sou, a que lugar eu pertença, de onde eu vim, isso é muito importante; a partir do momento que nós ficarmos todos iguais, já que há um processo de massificação, quando chegar nesse momento não vai ter mais volta. Então toda a iniciativa que se faça para preservar tua identidade, tua cultura, teu jeito de ser e de você não precisar ser igual aos outros, não precisar se vestir como o pessoal da TV Globo, não agir como o resto do Brasil, eu acho válido.

Orgulho perceptível em cada palavra, mas sem soberba ou qualquer traço de arrogância. Exaltar a cultura local é também uma forma de homenagear quem vem de fora, como no caso do uso da “pilcha” (roupa típica gaúcha) em eventos públicos, no município de São Miguel das Missões. “Quando tem um evento assim importante, as crianças vestem a roupa típica de gaúcho e assim foi naquela noite da Caravana JN, todos estavam pilchados”, relembra Jussara Munaretto, que é mãe de dois filhos e organizadora de grupos infantis tradicionalistas.

O destaque dado ao local, numa aparição nacional e com repercussão no exterior, serve de exemplo para trazermos à discussão a ideia de *Glocalize*, “um novo esquema empresário-mundo que articula em sua cultura informação, crenças e rituais procedentes do local, do nacional e do internacional” (Ortiz, 2006, p. 86). Nesse contexto, a televisão e o telejornalismo estão no centro de uma discussão sobre o futuro, em que as mídias atuem de uma forma construtiva.

O desafio continua sendo uma grande ambição para uma televisão nacional que reflita a diversidade social e cultural e que, pela multiplicidade de portas de entrada para os públicos, lhes dê a possibilidade de, ao mesmo tempo, se encontrar e ousar desejar a mudança. Afinal de contas, isso corresponde à ambição mais alta da televisão como laço social: oferecer a cada um a possibilidade de verificar que pertence a essa comunidade e que, no seio dela, pode emancipar-se (Wolton, 2006, p. 166).

O conceito de “glocal” também é abordado por Felipe Pena. Ao analisar o movimento de globalização da mídia, ele reforça a importância dada a parcerias estratégicas locais, a exemplo do que fez a Rede Regional de Televisão no Rio Grande do Sul, conforme citamos acima:

Apesar das matrizes fixarem os conteúdos e as linguagens, há alianças estratégicas com empresas locais, valendo-se de suas malhas de distribuição e de seu conhecimento regional para escoar a produção global. Os megaconglomerados, então promovem uma hibridação editorial, combinando contextos sociais e culturais locais com o discurso geral (Pena, 2005, p.99).

Após o que foi dito até aqui e dando continuidade a nossa pesquisa, deixamos para trás a região Sul e rumamos em direção ao Sudeste do Brasil. Nossa próxima parada é Ouro Preto, em Minas Gerais.

5.2. Em Minas Gerais, rumo à cidade histórica de Ouro Preto

Mais uma vez com o pé na estrada, agora em direção ao estado de Minas Gerais. Depois de viajarmos pela Região Sul, estendemos nossa jornada para o Sudeste. Como arqueólogos atrás de marcas deixadas pelo tempo, rumamos ao município de Ouro Preto. Foi neste outro sítio histórico da maior importância para o Brasil que fizemos nossa segunda parada nesta viagem de estudos, pós Caravana JN.

Chegamos a Ouro Preto numa quinta-feira, dia primeiro de maio de 2008. Chovia. Encravada num vale profundo, a cidade setecentista estava encoberta por uma névoa densa. Com as montanhas escondidas pela umidade, a paisagem ganhava uma aparência cinzenta, apenas contrastada pelo colorido das janelas dos casarões coloniais. O clima sombrio deixava ainda mais desertas as ladeiras e calçadas escorregadias, já sem movimento por causa do feriado do dia do trabalhador. O frio e a garoa colaboravam para dar ao dia um aspecto único, de rara beleza, num cenário que exalava história.

Ao pisarmos nas ruas de Ouro Preto, nos deparamos com um passado que cobra sua importância a cada esquina, em cada pedra, em cada traço da arquitetura preservada. E logo pensamos sobre os homens que construíram aquele lugar. Segundo os historiadores, o povoado teve início com a corrida dos primeiros aventureiros em busca do ouro. A bandeira de Antônio Dias, em 1698, é considerada a primeira a ter chegado. Foi no morro de São João que se deu a fundação de um primitivo arraial, onde também foi celebrada a primeira missa,

pelo padre João de Faria Fialho. De início era um grupo relativamente pequeno, mas que se multiplicaria aos milhares.

Trinta anos depois, a cidade abrigava perto de 40 mil pessoas e era a maior aglomeração de toda a América Latina. Enquanto no litoral a sociedade colonial permanecia engessada numa estrutura fechada, em Minas Gerais nascia um caos social que se movimentava de forma efervescente. A ambição era a locomotiva, o ouro, o combustível. E a ascensão social, embora difícil, era possível. Por conta disso, confrontavam-se muitos interesses divergentes. E quando o ouro, apesar de muito, deixou de ser suficiente para alimentar a ambição, começaram os confrontos.⁴⁰

Em Ouro Preto, a viagem no tempo é uma realidade. Quase dá para sentir o cheiro da queima do óleo de baleia das antigas minas, onde os escravos eram forçados a trabalhar o dia inteiro, respirando a fumaça das tochas. Por outro lado, a coragem e o espírito libertário daqueles que um dia sonharam com a independência de Minas Gerais e do Brasil também se encontram entranhados nos muros, em cada parede erguida com o esforço braçal.

Por seu valor histórico, Ouro Preto recebeu o título de Cidade Monumento Nacional em 1933. Em 1980, foi declarada pela Unesco como um Patrimônio Cultural da Humanidade, recebendo os olhares e o reconhecimento do mundo.

O ônibus da Caravana JN chegou a Ouro Preto na segunda-feira, 14 de agosto de 2006. A tripulação se encontrava com a equipe da Rede Globo Minas e com o resto do grupo que transportava equipamentos, dando apoio à missão. Os jornalistas desembarcavam numa antiga jóia da Coroa Portuguesa, que ainda vive de seu passado e enfrenta problemas bem cosmopolitas.

A Caravana JN estacionou na Praça Tiradentes, um dos símbolos da cidade. O local recebe este nome em homenagem a Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, participante do movimento libertário que ficou conhecido como a Inconfidência Mineira. Traído, ele foi preso por três anos, assim como outros

⁴⁰ Fonte: texto de Marcelo Resende, com colaboração de Kelly Juliane Dutra, disponível no *site* oficial de Turismo de Ouro Preto: [http:// www.ouropreto.org.br](http://www.ouropreto.org.br)

inconfidentes. Tiradentes foi condenado à morte, tendo sido enforcado, em 1792, no Rio de Janeiro.⁴¹

Como dito antes, a equipe que estivera nas Missões se reencontrava. E, seguindo um esquema de rodízio dos apresentadores, desta vez a jornalista Fátima Bernardes faria a apresentação ao vivo na praça. Segue abaixo a transcrição literal do que foi ao ar durante a edição do Jornal Nacional daquela noite.

William Bonner (ao vivo, do estúdio no Rio de Janeiro). “Boa noite, este 14 de agosto marca mais uma etapa do projeto especial do Jornal Nacional nas eleições 2006. Onde está você desta vez, Fátima Bernardes?”

Fátima Bernardes (ao vivo, em Ouro Preto):

Boa noite William, boa noite a todos. Nós estamos em Ouro Preto, Minas Gerais, na Praça Tiradentes. Logo ali atrás fica o Museu da Inconfidência, onde funcionava toda a estrutura administrativa, política e até a cadeia de Vila Rica, que era como a cidade era chamada. Mas aqui em Ouro Preto eu encontrei a Caravana JN, comandada por Pedro Bial, que partiu há duas semanas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul e vai viajar até setembro, às vésperas da eleição, para descobrir os desejos dos brasileiros. Boa noite Bial, como tem sido esta experiência na estrada?

Pedro Bial (ao vivo em Ouro Preto):

Boa noite Fátima. A experiência tem sido puxada, mas quem corre por gosto não cansa. Nós já estamos na estrada há duas semanas e percorremos exatamente 3.223 quilômetros. E isso é só o começo. Por onde passa, a Caravana é recebida com muita alegria, com muito carinho e não tem sido diferente aqui em Ouro Preto.

Entra no ar a reportagem de Pedro Bial. Ela começa com uma entrevista do historiador Rafael de Freitas e Souza. Segue, abaixo, a transcrição fiel do que foi transmitido, da maneira como fora escrito e produzido por Pedro Bial. As indicações técnicas do material bruto e nomes dos entrevistados são originais do jornalista, que gentilmente emprestou seus arquivos de texto para esta pesquisa:

⁴¹ Fonte: texto de Marcelo Resende, com colaboração de Kelly Juliane Dutra, disponível no *site* oficial de Turismo de Ouro Preto: [http:// www.ouropreto.org.br](http://www.ouropreto.org.br)

((ss⁴²- h15- 36:42- Rafael: “é como se eu estivesse caminhando sobre um livro de história, com as suas páginas abertas, em cada esquina tem um pouco de história”))

((ss- h 15- 53:33- Vevê: “cada ladeira conta histórias de sofrimento, de alegria...”))

((ss – h16- 6:37- Daiana: “a gente olha para essas casas, a sonoridade que se tem em certos ambientes, tem um querer artístico, um poder assim...”))

Uma estudante,

((ss- h16- 6:35- Daiana: “aqui te inspira”))

Um escultor,

((ss- h15- 53:41- Vevê: “Ouro Preto, pra mim, é tudo,”))

Um historiador.

((ss- h15- 37:00- Rafael: “tudo isso aqui é história”))

Do Brasil, e do mundo.

((ss- h15- 27:29”- Rafael: “aqui, na região das minas, se concretiza o sonho do eldorado.”))

Off: Durante o século dezoito, mais de quatrocentas mil pessoas vieram para cá, atraídas pela maior jazida de ouro jamais encontrada. Em menos de cem anos, novecentas toneladas de ouro para a coroa portuguesa. Fora o contrabando...

((ss- h15- 29:59- Rafael: “alguns historiadores falam que até dez vezes mais...))

Off: O tesouro foi pilhado, mas uma jóia ficou: a obra de Aleijadinho...

((ss- h15- 37:28- Rafael: “ele é simplesmente um gênio”))

((ss- h16- 5:40- Daiana: “ele focalizava muito a escravidão, na face de suas peças, tristeza, alegria, o olhar da esperança.”))

((ss- h15- 1:00:20”- Vevê: “se você colocar uma pedra, sem qualquer trabalho, em pé, ela já é uma obra de arte.”))

⁴² Sob o som (ss): marcação técnica que indica o momento em que o sonoplasta deve colocar no ar o som da edição de um vt. Usa-se também para indicar o uso de som ambiente numa matéria (Maciel, 1995, p. 112).

Na melhor tradição ouro-pretana, há trinta e um anos, o escultor Vevêu tira seu sustento da pedra sabão, com uma faquinha cega...

((ss- h15- 47:41- Vevêu: “é como se eu tivesse com uma caneta na mão escrevendo...”))

Com suas mãos, Vevêu deu condições para que seus dois filhos chegassem à faculdade...

((ss- cidade))

Só que a busca de prosperidade em Ouro Preto hoje planta favelas e ameaça o patrimônio...

((ss- h15- 38:22- Rafael: “não só o patrimônio arquitetônico, mas também o patrimônio verde que nós temos no entorno, e o problema da oferta de emprego para todos, que não tem.”))

((ss- Daiana começa a cantar))

Vagas só para estudantes, como Daiana Melo, que faz o curso de canto lírico.

((ss- h16- 7:48- Daiana canta))

Rafael de Freitas e Souza já sabe que desejo vai junto com seu voto para a urna.

((ss- cantoria))

((ss- h15- 40:05- Rafael: Minas Gerais tem um coração de ouro num peito de aço. A memória é de papel e papel se queima; se não cuidar com muito carinho do nosso patrimônio, a nossa memória pode se perder, e é ela que nos singulariza no mundo.”))

((ss final- cantoria))

Ao transcrevermos a reportagem, é preciso lembrar que em telejornalismo o texto é apenas uma parte do trabalho. “O telejornal é uma polifonia de vozes. Uma apresentação de corpos que reportam imagens. E para reportá-las, eles, os corpos, utilizam o código verbal. Só que esse código é híbrido, pois é escrito para ser lido” (Pena, 2005, p. 85). Traquina também escreve sobre as características essenciais do discurso jornalístico. “Para além de ser compreensível, o discurso jornalístico é um discurso que deve procurar o desejo, o desejo de ser

lido/ouvido/visto. Assim, o ‘jornalês’ exprime-se de uma forma viva através da voz ativa” (Traquina, 2005, p. 46).

O panorama acima serve de ponto de partida para direcionarmos nossa análise a respeito da reportagem feita pela Caravana JN em Ouro Preto. No item 5.1. do capítulo anterior, já tivemos a oportunidade de discutir a forma como são escritas e produzidas as notícias, a partir do exemplo da reportagem feita em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul. A transcrição de mais um texto, portanto, acrescenta novos elementos à pesquisa. Embora aborde outra realidade, nota-se a mesma preocupação com a simplicidade e a concisão, notadamente evidenciadas pelas frases curtas, escritas e narradas por Pedro Bial.

“As frases devem ser curtas e as informações fragmentadas” (Pena, 2005, p. 85). Eis algumas das principais características do texto de telejornalismo, conforme já observamos no capítulo anterior. “Como a notícia só é divulgada uma vez, é preciso ser direto e simplificar a linguagem. Mas clareza e simplicidade não podem ser confundidas com pobreza de vocabulário” (Pena, 2005, p. 85).

No dia da transmissão ao vivo da Caravana JN em Ouro Preto, ao fim da reportagem, as câmeras instaladas na Praça Tiradentes passaram sobre a multidão, enquanto a apresentadora Fátima Bernardes agradecia: “pelo apoio de todas essas pessoas que vieram até a Praça Tiradentes, são centenas, que vieram acompanhar com a gente essa edição do Jornal Nacional, ao vivo, aqui de Ouro Preto”. Naquela noite, o Jornal Nacional encerrava com imagens captadas ao vivo de Ouro Preto, tendo o público em primeiro plano. Sobre essas imagens rodaram os créditos do programa, numa cena bastante incomum à rotina de produção do telejornal.

Como já mencionamos na introdução dessa pesquisa, a presença de pessoas estranhas ao processo de produção do telejornal não é algo que seja corriqueiro na rotina da profissão. Mas naquela noite, a população de Ouro Preto, representando os cidadãos brasileiros, testemunhava uma edição histórica do Jornal Nacional. Assim que o sinal saiu do ar e os comerciais deram sequência à programação da emissora, a jornalista Fátima Bernardes foi cercada pela multidão que tomava a praça, com braços estendidos, em fervorosos pedidos de autógrafa.

Foi na mesma praça Tiradentes, quase dois anos depois da passagem da Caravana JN por Ouro Preto, que reencontramos alguns personagens dessa história. Gente que participou daquele momento marcante do telejornalismo de rede brasileiro, de diversas formas.

Todavia, antes de chegar a Ouro Preto, a Caravana JN já vinha causando grande movimentação na cidade. Se o itinerário da viagem era mantido em segredo, a mesma discrição não era alcançada nos lugares em que eram feitas as transmissões ao vivo, já que a primeira parte da equipe tinha que chegar com dias de antecedência. Somente assim era possível organizar operações que se mostravam extremamente complexas, como teremos oportunidade de compreender melhor no item 6.1, destinado à tecnologia empregada no projeto.

O trabalho dos profissionais da Rede Globo era amplamente coberto e divulgado pela imprensa local. E foi assim, pela mídia, que muita gente ficou sabendo sobre a chegada dos jornalistas à cidade. “Eu soube através da internet, havia vários informes sobre isso. Eu me interessei por comunicação, então me chamou atenção”, conta o agente cultural Cláudio Rogério Gonçalves Coelho.

A programação local de TV também já havia divulgado o que aconteceria na cidade, conforme conta João Bosco Pereira, que é guia de turismo em Ouro Preto. Na entrevista concedida para esta pesquisadora, no centro histórico, ele relata fatos que o tempo não apaga. “Eu fiquei sabendo pela televisão. Havia um anúncio de que a Caravana JN passaria por aqui. O movimento na Praça durou o dia inteiro, desde a montagem dos equipamentos até a transmissão propriamente dita, à noite”. Um dia para ser lembrado. Walmir de Jesus, que também é guia de turismo, revela:

Nesse dia eu estava trabalhando, eu estava rodando com uma família de Campinas. Eles iriam ficar uma noite e iriam embora um dia antes da filmagem aqui em Ouro Preto. Então eles mudaram a viagem e ficaram para assistir ao programa. Eu fiquei com eles na esquina da Escola de Minas. Mas estava muito cheio. Eu vi um pedaço e depois fui embora e vi o resto em casa. A praça estava muito cheia, tão cheia que eu, que não gosto de tumulto, resolvi ir para casa.

Outros moradores buscavam exatamente o burburinho. Pedro Custódio Filho fez questão de participar da plateia na noite da transmissão ao vivo. Ele

conta que conseguiu se reconhecer no telão, atrás da apresentadora. Experiência que relembra com prazer. “Foi muito bom, todo mundo alegre, todo mundo sabia que era uma coisa importante a gravação do Jornal Nacional. E até para Ouro Preto, é bom para divulgar a cidade”. Palavras de um profissional que conta com o turismo para sobreviver. O guia recorda aquele 14 de agosto como um grande acontecimento, que movimentou a cidade durante o dia inteiro. Alguns detalhes são guardados com carinho especial. “Eu vi Fátima Bernardes a uns 15 metros de distância. Para mim ela é a mesma coisa que na TV. Foi muito simpática, cumprimentou todo mundo, deu tchau para todo mundo, foi muito legal”.

Para viabilizar uma operação que altera até a circulação na cidade, os órgãos públicos locais tiveram que ser mobilizados. Por isso, em nosso trabalho de campo, consideramos relevante ouvir também a opinião do prefeito de Ouro Preto. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos nos recebeu para uma entrevista em sua casa, no dia 2 de maio de 2008. Vejamos como ele posiciona os fatos da passagem da Caravana JN, no mapa urbano:

A Praça Tiradentes ela é o centro da cidade, o umbigo da cidade, tudo nasce na Praça Tiradentes. É até uma praça estratégica, ela foi construída assim no século 18, para que tudo passasse por ela. E até hoje nós temos dificuldade de circulação de veículos em Ouro Preto, porque tudo tem que passar pela praça. Ali estavam os dois grandes palácios de Vila Rica, o Palácio dos Governadores com uma pequena fortificação, exatamente mostrando que ele estava num lugar estratégico e fortificado e a casa de cadeia, que é o Museu da Inconfidência, mostrado na reportagem. Então a cidade ela olha isso entre o enfado e a curiosidade, mas muita gente acorreu à Praça naquela noite. A Caravana JN chegou, mas previamente já havia toda uma mobilização de carros da TV Globo, caminhões, guas, refletores, serviços especiais foram montados. Houve uma interdição do trânsito na praça durante este dia todo, o que criou algumas dificuldades, mas também atraiu muita gente, sobretudo jovens. Então a praça encheu, as pessoas perceberam que poderiam aparecer ao lado da Fátima Bernardes no Jornal Nacional e, é claro, que houve muita gente na praça. Foi para nós um momento muito significativo, porque mais uma vez Ouro Preto aparece no cenário nacional como uma cidade síntese e símbolo. Aí não só de Minas Gerais mas da própria Região Sudeste, sendo que ela é um monumento de todo o Brasil.

Em nossa peregrinação pós-Caravana JN, conhecemos também a empresária Maria Auxiliadora Beloni. Dona de uma pousada localizada bem perto da Praça Tiradentes, ela contou sobre a noite da transmissão ao vivo no centro histórico:

A praça ficou tumultuada, todo mundo queria ver. As pessoas foram lá e muitas nem sabiam o que ia acontecer. Foram para ver a Fátima Bernardes e, principalmente, a ‘mulherada’ correu para ver o William Bonner, que não veio. O Pedro Bial, que por sua vez também é uma pessoa muito simpática, representou a TV Globo muito bem, como a Fátima, que é uma pessoa muito querida aqui na cidade. O Bial e a Fátima são pessoas normais. Não têm aparência diferente da TV. Muito educados, muito alegres e eles fizeram aquilo com a maior espontaneidade. Eles foram bem acolhidos na cidade.

Ao chegar à Praça Tiradentes, Maria Auxiliadora se deparou com algo totalmente novo para ela. Um tipo híbrido de atividade, conforme já descrevemos na introdução dessa pesquisa: um misto de telejornal apresentado ao vivo, mas que parecia também um programa de auditório. “Eu estava bem em frente ao Bial. Cheguei lá e fui abrindo caminho. Era como se fosse um programa de auditório, me diverti mesmo. Quando acontece algo na cidade a gente tem que estar presente, aqui é muito pacato”.

Naquela noite, a Praça Tiradentes foi tomada por um aglomerado de gente heterogêneo. “Na Praça tinha gente de todos os níveis, tinha gente da alta sociedade, tinha pessoas bem humildes, todos com curiosidade de conhecer o que é esta Caravana, o que Caravana ela veio fazer”.

A aproximação da TV ao público conquistou os moradores de Ouro Preto, afirma o agente cultural Cláudio Coelho, de 30 anos e que vive na cidade há 18.

Foi legal que a TV teve interatividade com o povo. O público viu que não é só uma coisa supérflua ou designada apenas às camadas superiores da nossa sociedade. Não são apenas os ricos que tem capacidade para serem mostrados. É bem mais descontraído, dá valor ao homem comum. Eu me senti bastante valorizado por eles terem vindo à minha cidade.

Se observarmos essa afirmação dentro de um contexto histórico, de que a televisão nasceu no seio da elite, conforme relatado no capítulo 3, identifica-se um espaço para discussão sobre o caráter popular da TV.

Nitidamente, a transmissão do Jornal Nacional, ao vivo, de Ouro Preto, tornava aquela edição diferente das demais, o que era percebido até por olhos amadores. “Foi diferente. Porque quando você vê na televisão não tem ninguém em cena, somente os apresentadores. Aqui dava para ver o povão todo, todo mundo com aquela curiosidade”, conta Pedro Custódio Filho, guia de turismo, visivelmente atento aos números do negócio do qual faz parte:

Eu não tenho estatística para dizer se veio mais gente para cá por causa disso, mas posso dizer que para Ouro Preto foi muito importante, muito legal, muito bom. Para nós que trabalhamos com o turismo é ótimo mostrar Ouro Preto para o Brasil todo e para o mundo. Embora Ouro Preto seja uma cidade já bastante conhecida, sempre é bom ter uma propaganda a mais. Achei legal para nós de Ouro Preto, para lojas, para hotelaria. Querendo ou não foi uma propaganda e para mim representou bem Ouro Preto na reportagem.

Quando insistimos no modo como foi compreendida a representação feita de Ouro Preto, na reportagem da Caravana JN, ele reafirma o que já havia dito antes. “Com certeza reconhecemos Ouro Preto na reportagem”.

Partimos em busca das pessoas que foram entrevistadas por Pedro Bial, um ano antes, durante a passagem da Caravana JN pela cidade histórica mineira. Por mais emocionante que tenha sido a transmissão ao vivo, na praça, devemos considerar que ela vinha acompanhada de um material pré-gravado, produzido e editado pela equipe, assim que ela chegou a Ouro Preto. A cidade tentava seguir sua rotina, à parte da movimentação dos profissionais da TV Globo:

Eu estava numa apresentação de capoeira. E logo depois estávamos prestando menos atenção na capoeira e mais na filmagem. A gente viu que estavam colocando bastante equipamento na praça, o Pedro Bial estava por lá andando. Até então eu não sabia que era ele. Mas os guias falaram: ‘aquele é famoso’. Aí, logo depois eu reconheci os traços.

É assim que o agente cultural Cláudio Coelho descreve o momento em que encontrou o jornalista pela primeira vez:

Eu não imaginava que ele seria uma pessoa simples, achei que ele não conversaria com ninguém, que ficaria na dele. Mas comigo foi o contrário. O Pedro se mostrou bem descontraído, como se nós fôssemos conhecidos de muito tempo. Foi uma experiência bastante enobrecedora conhecer e ter mais diálogo com as pessoas que a gente admira. Ele me perguntou se eu queria participar da entrevista, mas eu preferi ficar só assistindo mesmo, na plateia.

Outros aceitaram responder às perguntas do repórter. O escultor Vevêu jamais esquece a visita que recebeu em seu *atelier* e que até hoje é reverenciada, com uma fotografia emoldurada na parede. Vejamos o que a memória do artesão guardou daquele dia:

Surpreendentemente bateu na minha porta, eu fui atender achando que seria um amigo. Quando eu abro a porta ele se identificou: ‘eu sou o Pedro Bial’ e perguntou se poderia me entrevistar. Para mim foi um impacto muito grande, mas eu mantive o equilíbrio nesse momento. Eu não perco a fala, apesar de que eu estava sentindo uma emoção muito grande. Eu gosto muito de jornalismo e acho que o melhor e mais completo é o da TV Globo mesmo, eu sempre assisto ao Jornal Nacional e ao Globo Repórter, reconheço o talento das pessoas que fazem esses jornais.

Frente a frente com o jornalista reconhecido. E uma grata surpresa:

Ele me surpreendeu de uma forma bastante positiva. Eu tinha o Pedro Bial como uma pessoa simpática, como ele sempre se mostrou lá na televisão nas suas reportagens. Uma pessoa muito capaz, muito inteligente. Mas me surpreendeu pela simplicidade dele, sendo uma pessoa tão talentosa, uma pessoa gabaritada, jornalista e repórter tão capacitado que eu sempre assisto; não pensei que ele fosse tão simples como se mostrou e se apresentou aqui. Uma pessoa extremamente autêntica, o que é muito bonito, ele é uma pessoa muito talentosa, mas simples, sem fazer qualquer tipo de esforço para isso, com a maior naturalidade.

Vevê passava pela experiência de conhecer alguém que, pelo menos no íntimo, ele sabia que já conhecia. O jornalista, correspondente internacional e apresentador de TV Pedro Bial era figura fácil na vida do artesão. O estranho era ele estar ali, em carne e osso. Para Vevê, a figura de Pedro Bial era a personificação do Jornal Nacional, na sala de casa.

Muniz Sodré escreve sobre o constante jogo de significações ao qual estamos sujeitos. “A representação de um fenômeno social qualquer consiste num conjunto de imagens, estruturado pelo jogo de significações sociais ou de atitudes dos sujeitos da representação” (Sodré, 1984, p. 76).

O escultor decodificou a experiência da passagem da Caravana JN pela cidade com visível orgulho. Na entrevista que concedeu para esta pesquisadora, no mesmo *atelier* em que havia recebido o jornalista Pedro Bial, Vevê, mais uma vez, empresta sua voz em nome da coletividade. “O ouro-pretano se orgulhou muito com a presença da Caravana JN aqui. Porque não foi privilégio de todas as cidades. Ouro Preto foi uma das poucas cidades mineiras, além de Itaúna”, ressalta.

Apenas para rememorar o leitor, tendo em vista que já transcrevemos o conteúdo completo da reportagem da Caravana JN em Ouro Preto, no começo do

item 5.2, vale pontuar que Vevê é o escultor ouvido na reportagem, ao lado de um historiador e de uma estudante universitária. Vejamos, então, como ele entendeu a representação feita na reportagem da Caravana JN, no lugar onde vive.

A reportagem tem muita autenticidade, foi muito autêntica na hora de retratar a realidade de Ouro Preto, foi feita com muita verdade. Mostrou Ouro Preto na sua essência. Falou do patrimônio histórico, do crescimento das favelas, do crescimento desordenado, pois não tem havido espaço para construções dignas. Essa população se espreme pela periferia, se colocando em locais de pouca segurança, mesmo sabendo que são áreas de risco.

Como consequência da entrevista na televisão, Vevê destaca o reconhecimento que, segundo ele, veio logo em seguida:

Depois da matéria ter ido ao ar, por todo o lugar onde eu passava as pessoas me reconheciam e falavam: ‘puxa vida Vevê, eu te vi na televisão, com o Pedro Bial, que fez uma matéria muito interessante contigo’. Até mesmo quem não me conhecia vinha dizer: ‘ah, você é o escultor daquela reportagem com o Pedro Bial, eu estou te reconhecendo agora. Até nas agências bancárias os funcionários me interrogavam sobre isso.

A TV pôs Vevê e Ouro Preto diante do Brasil e dos olhos do mundo, já que o Jornal Nacional é transmitido também pela Globo Internacional, como, aliás, já foi mencionado nessa pesquisa.

Para mim foi sensacional. Houve amigos e clientes, de várias partes do mundo - porque eu tenho obras na França, Itália, China, Alemanha - até fora do Brasil me viram. Da França me ligaram duas pessoas amigas que tinham comprado obras minhas há muito tempo atrás e ligaram emocionadas, até chorando: ‘puxa vida, Vevê! Achei tão bonita aquela reportagem, ninguém merecia mais do que você, uma pessoa amiga e simples.

O escultor acompanhou as demais reportagens da série, como episódios inéditos sobre o próprio país:

Tudo o que você ainda não conhece e você vê pela primeira vez é muito importante. Você conhecer o seu país, ainda que seja pela televisão, através de uma reportagem tão bonita como foi essa, é muito importante. É importante também que as pessoas saibam que em Ouro Preto há pessoas como eu, que não sou melhor do que ninguém, mas procuro ser, sobretudo, um homem autêntico e normal, como deve ser todo o ser humano, sem qualquer maquiagem.

Vevêu enxerga assim a própria identidade. Nascido na zona rural do município de Mariana, filho de um lavrador analfabeto, ele se mudou cedo para o arraial de Cláudio Manoel, em Matador, onde pôde estudar até o terceiro ano do curso primário. Vevêu sempre quis que os filhos tivessem acesso à escola, fato revelado por Pedro Bial na reportagem. Antes de ser escultor, Vevêu trabalhou na roça, sem nenhuma remuneração, e numa mineradora. Para ele, contar um pouco da própria história para todo o país foi uma experiência inesquecível. Naquela reportagem da Caravana JN era a vida simples do artesão ouro-pretano que interessava. Vevêu sabia que, naquele momento, ele representava toda a comunidade.

Pelos relatos apresentados, podemos dizer que aquele instante foi congelado como um forte registro de memória. Um instante de felicidade e por que não de glória. De contentamento, por certo, pela oportunidade de dizer o que desejava, a quem tinha todas as credenciais para compreender o que era dito. A sós com Pedro Bial, Vevêu podia ouvir, na própria voz, sua comunidade sendo representada.

No dia em que nos recebeu para essa entrevista, com extrema lucidez e vivacidade, Vevêu passou a discorrer sobre seu processo criativo como artesão, a relação de troca com as obras, a meditação que antecede cada novo trabalho, a satisfação de tirar o sustento da pedra sabão e a alegria de ter participado de uma experiência de televisão que envolveu a massa dos brasileiros.

A TV tem muita capacidade para criar integração entre regiões distantes, ela tem muita força. A TV, principalmente a TV Globo, tem uma credibilidade muito grande. O que ela faz é sucesso, para mim é sucesso. As reportagens sobre o desmatamento no Amazonas, no Pará, isso me machuca muito porque eu sinto pelo nosso planeta, talvez mais do que os políticos. Se nós temos acesso à informação como temos hoje, podemos ver o problema do desmatamento na tela da TV. Então nós teríamos de ter a responsabilidade de cobrar providências. Você não precisa ser nenhum intelectual, nenhum especialista para saber que o desmatamento traz prejuízos. Eu me interesso também pelas reportagens da camada de ozônio. Eu procuro saber tudo isso e encontro fonte na televisão.

Vevêu diz que a TV traz informações úteis para que ele se sinta um cidadão completo, mais responsável e atuante. A capacidade de os meios de comunicação de massa transformarem comportamentos e influenciarem as sociedades foi descrita por Canclini (2006), em *Consumidores e cidadãos*.

Pensar sobre as políticas de comunicação e cultura torna-se primordial para o exercício de formas responsáveis de cidadania, que sejam adequadas às transformações dos cenários socioculturais e às formas atuais de consumo e integração transnacional (Canclini, 2006, p. 190).

Observando-se o texto e a edição da reportagem da Caravana JN realizada em Ouro Preto, percebemos que três pessoas falam em nome dos demais ouro-pretanos: um artesão, um historiador e uma estudante. Na visita que fizemos à cidade mineira, um ano depois da passagem da Caravana JN, além do escultor Vevê, reencontramos mais um dos três entrevistados citados acima. Vejamos, então, como o historiador Rafael de Freitas e Souza entendeu a representação feita na reportagem da Caravana JN, em Ouro Preto:

A reportagem mostrou perfeitamente Ouro Preto e os problemas da cidade. O problema do crescimento urbano exagerado, que acaba fazendo o desmatamento no entorno da cidade. Por que aqui você tem este miolo, estas edificações históricas e o que as pessoas chamam de moldura verde da cidade. Você pode observar que, nas montanhas, em volta, o Patrimônio Histórico tenta não deixar que haja construção, para que faça essa moldura na cidade. Mas principalmente no morro não estão conseguindo controlar. No Itacolomi você pode ver que não tem edificação, já o outro lado da cidade, não estão conseguindo controlar. Até mesmo porque já é uma ocupação desde o início do século XVIII, o chamado morro da Queimada, então a ocupação é mais acelerada.

Igualmente como procedemos no Rio Grande do Sul, antes de realizarmos as entrevistas, também em Ouro Preto reexibimos parte da edição do Jornal Nacional daquela noite, 14 de agosto de 2006, quando a Caravana JN estacionou na cidade. A prática se mostrou eficiente no sentido de trazer à tona fatos marcantes daquela experiência. Rafael diz ter ficado satisfeito com o resultado da entrevista no ar.

O que foi ao ar é exatamente o que eu expressei para o repórter naquele momento. A gente fica meio nervoso, gagueja, eles editam alguma coisa, quando a gente erra eles cortam, mas em síntese é tudo o que eu falei. Mesmo editada a matéria não causou frustração. A própria natureza do jornal tem seu tempo. Mas acho que o central daquilo que eu falei, apareceu.

Historiador e doutorando, Rafael de Freitas e Souza realiza suas pesquisas no Arquivo Histórico da Escola de Minas. Natural de Juiz de Fora, mas ouro-

pretano de coração, como ele mesmo se intitula, o pesquisador descreve a sensação de ter dado voz à reportagem.

Eu estava falando como historiador. Pegaram um artista, um escultor, para fazer este paralelo com o Aleijadinho, tanto que eles falam do Aleijadinho na reportagem; uma estudante, porque Ouro preto tem este perfil de cidade universitária e um professor de história, porque Ouro Preto respira história. As pessoas vêm aqui para ver e conhecer história. Pessoas do mundo inteiro vêm para isso. E do meu ponto de vista eu fui pensando em não falar a mesmice.

Vejamos como transcorreu a produção da reportagem, considerando a experiência vivida por Rafael:

Eu tomei café da manhã com o Pedro Bial e nós fomos conversar sobre história, que ele inclusive gosta muito, ele lê muito. Ele perguntou o que eu faço, o que eu tenho pesquisado. Disse que eu tinha pesquisado sobre a história da Inconfidência Mineira, ele se mostrou super interessado. A mim a presença do Bial não causou tanto impacto que causaria em outras pessoas, porque em Ouro Preto, somos muito acostumados a ver artistas famosos. Achei que ele é muito simpático, muito educado e, como já é conhecido, ele é erudito. Ele gosta muito de ler. Ele já tinha um conhecimento de causa, ele já leu sobre a história de Minas, sobre Vila Rica, sobre o ouro, sobre Aleijadinho, então ele já tinha uma leitura prévia, já sabia o que discutir comigo.

Esse saber jornalístico é objeto de estudo de Gaye Tuchman (1978) e é retomado nos trabalhos de Traquina. O pesquisador português o aborda em *Teorias do jornalismo – volume 1*.

O conhecimento de formas rotineiras de processar diferentes tipos de ‘estórias’ noticiosas permite aos repórteres trabalhar com maior eficácia. Significativamente, os repórteres e os diretores identificam este conhecimento com profissionalismo. O profissionalismo, visto como método de controle do trabalho, consiste em dominar as técnicas da escrita, mas também no domínio de saber quem contatar e que perguntas fazer, ou seja, possuir o saber de procedimento (Traquina, 2005, p. 193).

Em Ouro Preto, a reportagem da Caravana JN pôs em discussão, além de outros assuntos, pelo menos dois grandes desafios para a cidade: a preservação do patrimônio histórico e as construções irregulares. O aparecimento de favelas na área do município foi citado por vários entrevistados durante nossa pesquisa de campo, incluindo o representante do poder público local. Para o comerciante José

Antônio Bittencourt, o crescimento da cidade está relacionado ao aumento no número de vagas nas faculdades de Ouro Preto:

Quando eu entrei na faculdade, em 1979, entravam cem alunos por ano. Hoje, só em julho, de cursos novos vão entrar 2 mil pessoas. No meu tempo a faculdade tinha mil e quinhentos alunos hoje está com 6 mil, e vão entrar mais 2 mil. A previsão até 2010 é de mais 6 mil alunos. E não tem tantas repúblicas (pensões) ou lugar para todas essas pessoas. Por isso é que se vai construindo em tudo quanto é lugar, vão abrindo bairros sem infra-estrutura, sem planejamento. Mas o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) embargou mais de duzentas obras.

Os moradores de Ouro Preto que foram entrevistados para essa pesquisa demonstram familiaridade com o tema da urbanização, inclusive sobre a legislação existente. Vejamos o que afirma João Pereira, guia de turismo:

Existe uma lei, de 1931, que proíbe a construção nas encostas por uma série de fatores. A estrutura geológica tem muito filito, que é uma rocha que desliza quando chove. A lei de preservação do núcleo urbano é de 1978. Você pode fazer modificações no interior da casa, mas a fachada tem que ser preservada.

De sua parte, o prefeito de Ouro Preto avalia que a reportagem, feita pela Caravana JN no município, mostra a riqueza da paisagem, os monumentos de arte e de história, sem deixar de fazer um alerta para o crescimento desordenado. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos admite o problema, cuja explicação, segundo ele, envolve um contexto macro:

A cidade sofreu como qualquer uma das 5 mil e seiscentas cidades brasileiras. Ouro Preto, por ser uma cidade monumento mundial, ela não fica dentro de uma redoma. Pelo contrário, ela também vive o drama de todos os centros urbanos brasileiros que cresceram mal nos últimos 30 anos. E continua a crescer mal, muitas vezes, por falta de disciplina e de recursos. Nós, aqui, hoje, temos procurado adotar todo um arsenal de dispositivos legais: plano-diretor, plano de zoneamento do solo, criamos uma secretaria municipal de patrimônio e desenvolvimento urbano, mostrando exatamente que patrimônio não é um conceito estático. Nós temos um desenvolvimento urbano, buscando harmonizar a vitalidade da cidade com a preservação do patrimônio.

O crescimento desordenado do município é uma preocupação também para o agente cultural Cláudio Rogério Gonçalves Coelho. “O que foi mostrado na reportagem é mesmo a realidade de Ouro Preto. O problema da favelização é sério

aqui”. Ele diz que a cidade está dividida. “Existem três grupos em Ouro Preto: os universitários, os turistas e os moradores”, categoria da qual faz parte.

No capítulo anterior, destacamos o trabalho do teórico francês Dominique Wolton, sobre o laço social criado pela TV. Quando analisamos os depoimentos coletados tanto em Minas Gerais, quanto no Rio Grande do Sul, fica evidente que a televisão, no caso específico a Caravana do Jornal Nacional, também serve para gerar conversas entre espectadores. E isso independe de que o programa esteja sendo levado ao ar, no momento da discussão. Ou seja, a programação de TV, em especial as reportagens do telejornalismo, serve de substrato para que brotem os assuntos no cotidiano, mesmo depois da exibição do programa. É o que se chama de Teoria do Agendamento. Felipe Pena aborda a questão em *Teoria do jornalismo* (2005):

A teoria do agendamento defende a idéia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos. [...] Cada vez mais os telejornais pautam as conversas entre cidadão e até mesmo a própria agenda dos poderes públicos (Felipe Pena, 2005, p. 142 -84).

Essa também é uma ideia abordada por Ciro Marcondes Filho, ainda que o autor não relacionasse diretamente o assunto a uma teoria jornalística. “Muito se fala que a televisão veio suprimir o diálogo doméstico, a conversa das pessoas. Pode ser. Em alguns casos. Em outros, ela veio introduzir diálogos e discussões” (Marcondes Filho, 1988, p. 36).

Enquanto muitos afirmam que a reportagem da Caravana JN abarcou a realidade e as necessidades de Ouro Preto, há moradores que dizem que gostariam de ter visto mais. Maria Auxiliadora Beloni cita questões que, segundo ela, ficaram de fora da discussão:

Nós queríamos uma água tratada adequadamente, não temos; nós queríamos que houvesse postos de saúde atendendo a população no entorno da cidade e não temos; gostaríamos que o hospital não tivesse sido mudado para tão longe, e no entanto foi, hoje nós temos o prédio sendo reformado para outra função e a população tendo que deslocar a uma distância muito grande, numa hora de necessidade. Eu acreditava que seriam debatidos temas assim, falar o que não está bom pra nós, mas isso não aconteceu.

O prefeito de Ouro Preto destaca, entre os aspectos positivos da reportagem, a divulgação de um conceito que ele considera imprescindível para o progresso local. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos defende o turismo sustentável como meta:

A moderna indústria turística é a que remunera as populações que sabem ser guardiãs de seus acervos patrimoniais e a Globo tem sido exemplar nisso. Na hora em que a televisão abriu essa janela para o passado permitindo que nós contemplemos o futuro através daquilo que passou, ou seja, que nós conservemos o nosso patrimônio, ela tem dado uma colaboração muito grande. A televisão que vem lançar as pessoas numa cultura de massa, no consumismo, ela é também, ao mesmo tempo, um instrumento que permite a tomada de consciência dos valores da cultura e nesse sentido a Globo tem um trabalho muito importante em Ouro Preto, nos últimos 40 anos.

Após a realização das entrevistas em Ouro Preto, percebemos que os participantes, mesmo aqueles que gostariam de ter visto outras demandas nas reportagens, consideraram positiva a passagem da Caravana JN. “Porque deu mais conscientização ao povo, para cuidar do nosso patrimônio. Além disso, foi bacana ver Ouro Preto ser incluída entre as cidades do roteiro e ver que aqui houve uma verdadeira interação dos jornalistas com a comunidade”, afirma Cláudio Rogério Gonçalves Coelho. O agente cultural diz ter acompanhado o projeto do início ao fim. “Eu assistia a outros capítulos da Caravana JN, em outros lugares. Mostrava bem a natureza, os tesouros do Brasil, valorizava bem isso. Dá para ver que a herança da gente está sendo mostrada, sendo valorizada, sendo transformada em imagem”, conclui.

Através de imagens e de sons, a Caravana JN mostrava o Brasil para os brasileiros. “Eu acho que o valor disso está na divulgação das diferenças entre as cidades, cada cidade tem uma característica própria”, observa o guia de turismo João Pereira:

Você pega, por exemplo, uma cidade como Ouro Preto, que é uma cidade colonial, é Patrimônio da Humanidade, e ao mesmo tempo, eles passaram, por cidades com outras características, muitos povoados do tempo da colonização portuguesa. Se você observar na estrada real, a cada 30 quilômetros há um povoado, um núcleo urbano, então é muito bonito mostrar isso. Já quando você vê uma cidade do Ceará, as características são outras: criação de bode, comportamento diferente, os regionalismos, os hábitos, a maneira de se vestir, o sotaque, diz.

Para o prefeito de Ouro Preto, a Caravana JN soube mostrar “que por toda parte nós temos marcas da história, nós temos registros de memória que têm que ser bem valorizados e conservados porque definem nossa identidade”. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos aprofunda a discussão, analisando o tema sob a ótica de uma sociedade cada vez mais evoluída tecnologicamente:

A questão da identidade e do pertencimento são temas fundamentais para a cidadania. Não nos adianta ter pessoas muito bem adestradas pela sociedade tecnológica, dentro do mundo digital, globalizado, se nós perdemos a noção de pertencimento, de conhecimento e a assunção dos nossos valores e do perfil cultural, quem somos nós, porque somos brasileiros. Essa reportagem ela nos colocava essa questão: o que nos faz brasileiros? O que nos distingue como tal? E, sendo brasileiros, o que nós queremos para o Brasil? Acredito que isso devesse ser feito permanentemente não só no ano eleitoral, talvez uma vez por ano valesse a pena a gente percorrer o país na telinha da Globo fazendo essa pergunta.

Pergunta que nos remete, mais uma vez, às reflexões de Dominique Wolton, em *Elogio do grande público*:

A televisão, como sempre dizemos, é o ‘espelho da sociedade’. Se ela é seu espelho, isso significa que a sociedade se vê – no sentido mais forte do pronome reflexivo – através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. A ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistirem simultaneamente. Ela é, além disso, um dos únicos exemplos em que a sociedade se reflete, permitindo que cada um tenha acesso a essa representação (Wolton, 2006, p.124).

O laço social, descrito por Wolton, se fortifica na representação que fazemos de nós mesmos. Vejamos o que diz o prefeito de Ouro Preto, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, sobre o papel da televisão na criação de um conceito de identidade nacional, destacando a diversidade cultural do país:

Um país tão grande como o nosso é um país plural. Nós somos um país muito rico em diversidade cultural e ao mesmo tempo conseguimos ter uma noção muito clara de que pertencemos a um país só, somos brasileiros apesar de estarmos em pontos extremos, seja na Amazônia ou seja no Rio Grande do Sul, na terra gaúcha, sermos mineiros ou pernambucanos, ou acreanos. Há uma riqueza muito grande nessa diversidade, mas há pontos de união e a televisão, talvez ela cumpra, hoje, esse papel que foi exercido no passado pela língua portuguesa, pela religião católica, e pela monarquia para configurar um só país. Para estimular a noção de que sendo diferentes somos um país só. A televisão hoje ajuda a termos uma noção de país. A TV ajuda a vencer o isolamento municipal, ou regional e ela nos articula e nos integra.

O comerciante José Antônio Bittencourt demonstra opinião coincidente sobre a relevância assumida pelos veículos de comunicação de massa, em especial a televisão, na vida dos brasileiros:

Como no passado a religião e a língua, hoje é a televisão...A língua do nosso tempo é audiovisual e a religião do nosso tempo é a imagem. Então a televisão faz esse papel de garantir a idéia de país. Somos diferentes mas somos um país só. Como havia a voz do Brasil, no passado, hoje temos o Jornal Nacional. A televisão consegue unir locais distantes, através da programação. Num momento em que tudo está globalizado junta até a China com Ouro Preto. Hoje nós temos satélite. Antigamente o *Repórter Esso* demorava 3 dias para saber das notícias. Eu, quando tinha 10 anos, quando chegavam sete horas da noite a gente sentava na frente do rádio para ouvir. Não tinha televisão ainda.

O tipo de integração provocado pela comunicação de massa nos remete, novamente, ao trabalho de Canclini (2006), já abordado no capítulo 1. Em *Consumidores e cidadãos*, o autor defende que em meio à degradação política e à descrença em instituições, outros modos de participação se fortalecem nas sociedades. Canclini vê com esgotamento o romantismo e o nacionalismo como bases da conceitualização sobre a nacionalidade.

A possibilidade de se reconstruir um imaginário comum para as experiências urbanas deve combinar o enraizamento territorial de bairros ou grupos com a participação solidária na informação e com o desenvolvimento cultural proporcionado pelos meios de comunicação de massa, na medida em que estes representem os interesses públicos. A cidadania já não se constitui apenas em relação a movimentos sociais locais, mas também em processos de comunicação de massa (Canclini, 2006, p. 110).

Para Dominique Wolton, como já vimos antes, o conceito de nacionalidade está amarrado ao laço social invisível, gerado pela comunicação de massa. Algo que também pode ser representado pela empatia gerada entre os diversos. É o que podemos inferir, a partir das opiniões levantadas pelo público entrevistado. Vejamos o que diz o guia mineiro, João Pereira, sobre as reportagens da Caravana JN. “Algo que é muito comum, quando se fala do nordeste, e a questão da falta d’água, a dificuldade por ter água e a gente aqui, mesmo sem ter este problema, só de ouvir falar a gente vive isso.”

Um relato de tolerância, a exemplo do que propõe Dominique Wolton, em *Elogio do grande público*:

A TV é como um jornal televisionado: vemo-lo porque estamos interessados num assunto e nos propomos a assistir outros que não interessam, *a priori*, mas cuja presença prova que eles devem ter um certo interesse ou, em todo o caso, devem interessar a alguém. Essa tomada de consciência cotidiana constitui, sem dúvida, uma escola de tolerância. (Wolton, 2006, p. 134).

Todavia é importante que se diga que “ninguém é esse cidadão universal interessado em tudo. Cada um vê o mundo somente a partir do seu passado, da sua história, dos seus interesses” (Wolton, 2006, p. 146).

Para o historiador Rafael de Freitas e Souza, a integração é uma consequência do trabalho da Caravana JN:

Existe um fator integrador, porque você vê quais são as necessidades do Brasil, embora haja variação regional. Você vê que o Brasil é um só e cada região tem as suas especificidades e suas necessidades. Por isso, aquilo que eu falei, eu quis fugir do que todo mundo falava: eu quero emprego, eu quero segurança, eu quero qualquer outra coisa. O brasileiro, na eleição, a preocupação não é só com a alimentação, com o emprego, com a segurança. No Brasil é importante o aspecto cultural, é importante você preservar e estimular a preservação do patrimônio, a valorização da nossa cultura, da nossa história. Então que eu quis fugir desse lado mais repetidamente falado.

Morador de Ouro Preto e que poucas vezes se afastou de casa, Cláudio Rogério Gonçalves, de trinta anos, reconhece uma oportunidade na tela da TV:

A Caravana JN cria integração. Ao ver na TV a gente vai assimilando aqueles locais e se um dia for até lá, a gente já tem uma idéia do que seja aquilo, então você vai interagir melhor com aquele meio e até valorizar mais o local que se visita. Mostra o que de valor a gente tem para o Brasil todo.

Desafio que somente se torna possível graças a uma cadeia de televisão. No capítulo 3, tivemos a oportunidade de abordar a consolidação de uma rede de TV no Brasil. Os resultados dessa cobertura são abordados pelo prefeito de Ouro Preto:

Na hora em que ela (TV) faz uma reportagem, ela mostra pelo menos que ela tem uma cadeia nacional e que ela é capaz de perceber e assimilar o que acontece no país. Então ela contribui nesse sentido para a idéia de uma sociedade nacional, de um país. Acho que ela consegue enredar todas as pessoas que estão assistindo a esse programa dentro daquele velho jargão do Oiapoque ao Chuí, ela consegue fazer com que as pessoas percebam que é um país único, dentro das diferenças.

“A comunicação de grande público perde em definição aquilo que ganha em integração, quer dizer, na manutenção de uma certa representação da consciência coletiva de um país” (Wolton, 2006, p.132).

Poderíamos afirmar que, ao pôr em foco o público telespectador brasileiro, a experiência da Caravana JN se debruçou sobre um tema de extrema importância para a comunicação de massa, especialmente para a televisão de rede, como aborda Dominique Wolton:

Chave do sucesso e da legitimidade da televisão, o público se acha na confluência do espetáculo de imagens e do meio de massa. Ele não constitui um dado estrutural da televisão, mesmo sendo a condição para que o encontro entre a imagem e o meio possa ocorrer. Ele é mais uma conquista, um desafio, um resultado. Pois não há televisão sem o encontro improvável dessas imagens e desse público que se forma e se deforma de hora em hora, sem ser jamais o mesmo e que precisa ser constituído a cada vez (Wolton, 2006, p. 78).

Quando paramos para analisar o público espectador do Jornal Nacional e nos propomos a ouvi-lo, é preciso considerar não apenas a diversidade dessa massa, como também as diferentes percepções apresentadas, de acordo com o lugar de onde as pessoas falam. Sob esse aspecto, mesmo que a passagem da Caravana JN tenha sido marcante para as cidades de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, e para Ouro Preto, em Minas Gerais, ficou evidente, por intermédio das entrevistas realizadas em ambas as cidades, que o fato causou maior impacto, e até surpresa, entre os gaúchos. E talvez nós tenhamos encontrado uma explicação para isso.

Enquanto São Miguel das Missões está localizada no noroeste do Rio Grande do Sul e, portanto, muito distante das capitais do Sudeste, que são reconhecidamente as metrópoles mais desenvolvidas do país, Ouro Preto, nesse sentido, se encontra numa posição geográfica privilegiada, mais próxima dos grandes centros urbanos. Sendo assim, receber a visita de uma grande equipe de reportagem ou, por que não dizer, de personalidades da televisão, é algo bem mais provável de acontecer na cidade histórica mineira. O prefeito de Ouro Preto reforça essa avaliação:

Como São Miguel está um pouco à margem, longe, quase na fronteira, muito distante, as pessoas lá sabem o que é distância. Em Minas nós não sentimos tanta distância. Embora o eixo Rio e São Paulo possa esmagar um pouco os interesses e as posições de Minas Gerais, nós não nos sentimos tão longe assim de alguma coisa. Eu tenho certeza que isso acontece em São Miguel. A Caravana JN supriu esse desejo de estar no epicentro dos acontecimentos. Ouro Preto a cidade é mais *blasé* com relação a isso.

A palavra francesa *blasé* pode ser traduzida como um adjetivo indicado àquele que não demonstra interesse, que se torna insensível a uma novidade. E a razão para isso pode estar no fato de Ouro Preto ser uma cidade acostumada aos holofotes, como afirma o prefeito Ângelo Oswaldo de Araújo Santos:

A cidade de Ouro Preto está acostumada a ser cenário, isso às vezes incomoda bastante e outras vezes agrada muito. Nós somos palco de filmes, de novelas, de grandes acontecimentos e eventos de caráter nacional e internacional. Então a cidade é até um pouco displicente com este tipo de acontecimento, porque está acostumada e olha, um pouco, como se fosse mais uma manifestação do cotidiano, do que propriamente um ato singular, como deve ter sido em muitas outras cidades. Ouro Preto, vamos dizer assim, tem o hábito de conviver com os holofotes e os microfones,

Um dos maiores atrativos, sem dúvida, é o patrimônio histórico, como faz questão de afirmar Maria Auxiliadora Beloni, dona de uma pousada:

Ouro Preto não precisa muito de mídia não. As pessoas vêm mesmo atraídas por revistas, *folders* e mapas. É uma das cidades mais importantes e fica perto de outras cidades bonitas, tranquilas, históricas. Nesta cidade o artista em si não é um atrativo, porque já veio muita gente famosa aqui e eles passam pela rua como se passasse o meu vizinho, as pessoas não se aproximam, não pedem autógrafo. Aqui um artista consegue ficar no anonimato, ele entra e sai sem ninguém saber. Quer dizer, todo mundo conhece mas não chega para falar isso. Naquele dia, pediram autógrafo para ela porque a Fátima é uma especialidade.

Nesse capítulo, apresentamos um resumo dos depoimentos colhidos em nossa pesquisa de campo. No próximo capítulo, os jornalistas, técnicos e outros profissionais da TV Globo falam sobre suas impressões de viagem e analisam a experiência da Caravana JN.